

FACULDADE NOVOS HORIZONTES
Programa de Pós-graduação em Administração
Mestrado

PRAZER E SOFRIMENTO DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL
Estudo de caso com participantes do Curso de Qualificação Profissional
do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

João Lucas Del Menezzi

Belo Horizonte
2013

João Lucas Del Menezzi

PRAZER E SOFRIMENTO DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL
Estudo de caso com participantes do Curso de Qualificação Profissional
do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Faculdade Novos Horizontes, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo

Linha de pesquisa: Relações de poder e Dinâmica nas organizações

Área de concentração: Organização e estratégia

Belo Horizonte
2013

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 15 |
| 1.1 | Problematização | 18 |
| 1.2 | Objetivos da pesquisa | 19 |
| 1.2.1 | Objetivo geral | 19 |
| 1.2.2 | Objetivos específicos | 19 |
| 1.3 | Justificativa | 20 |
| 2 | AMBIÊNCIA DA PESQUISA | 22 |
| 3 | REFERENCIAL TEÓRICO | 26 |
| 3.1 | A atividade laboral e o adoecimento psíquico | 26 |
| 3.2 | A Psicodinâmica do Trabalho | 29 |
| 3.3 | A vivência do prazer e do sofrimento | 33 |
| 3.4 | As estratégias de defesa contra o sofrimento | 39 |
| 3.5 | O trabalho da construção civil | 43 |
| 4 | METODOLOGIA | 48 |
| 4.1 | Caracterização da pesquisa | 48 |
| 4.2 | Unidade de análise e sujeitos da pesquisa | 50 |
| 4.3 | Coleta de dados | 53 |
| 5 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS | 56 |
| 5.1 | Contexto de trabalho - A razão da escolha da profissão | 57 |
| 5.2 | A vivência do prazer no trabalho | 62 |
| 5.3 | A vivência do sofrimento no trabalho | 65 |
| 5.4 | As estratégias de defesa | 70 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |
| | REFERÊNCIAS | 81 |
| | APÊNDICES | 92 |

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, pai, amigo e conselheiro, por ter me dado tudo, inclusive a vitória em mais esta etapa da minha vida.

À minha amada mãe, pelo amor incondicional, pela paciência, pelos ensinamentos de vida e por sempre me incentivar e acreditar em minha capacidade.

À minha irmã, pelo apoio e carinho durante esta jornada.

Ao Professor Dr. Luciano Zille, pela palavra de encorajamento ao avaliar o meu projeto de dissertação na disciplina Seminário de Dissertação.

Ao Professor Dr. Fernando Coutinho, pelo ensino em sala de aula e por fazer o mestrado valer tanto a pena.

Em especial, à Professora Doutora Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo pelo acolhimento, gentileza, confiança, paciência e dedicação na condução deste estudo.

Ao Professor Doutor. Luiz Carlos Honório e à Professora Doutora Caíssa Veloso de Sousa, pelas contribuições valiosas ao projeto de pesquisa na etapa de qualificação, as quais agregaram mais conhecimento ao meu trabalho e a minha vida acadêmica.

Aos meus colegas da turma de mestrado, em especial a Michele Eliane pela convivência acolhedora e pela troca de experiências, que permitiram aprimorar meu aprendizado de vida. Agradeço as demonstrações de consideração e incentivo do amigo Humberto Garcia Henriques.

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), por possibilitar a realização deste mestrado.

Ao Professor Doutor Antônio Tomasi, por permitir a entrevista com os trabalhadores da construção civil, alunos do Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia.

RESUMO

Com fundamentação nos referenciais teóricos da Psicodinâmica do Trabalho, este estudo tem por objetivo analisar as percepções dos trabalhadores da construção civil que participam de um programa de qualificação no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), que é uma instituição pública de ensino do campo da Educação Tecnológica, em relação às vivências de prazer e sofrimento do trabalho. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva, que utilizou a abordagem qualitativa, com base em um estudo de caso. Participaram do estudo 15 trabalhadores, da área operacional, por meio entrevista semiestruturada. A partir da análise dos dados, pôde-se observar que o prazer e sofrimento no trabalho coexistem no ambiente laboral dos trabalhadores da construção civil. Tanto a organização do trabalho da construção civil quanto as relações socioprofissionais e as condições de trabalho são causadoras de prazer e sofrimento ao trabalhador. O prazer encontra-se presente: na amizade, na união e na camaradagem, no reconhecimento dos superiores hierárquicos e dos clientes, na satisfação pela atividade profissional, nas relações significativas com sua tarefa, na possibilidade de ajudar a transformar o ambiente onde a obra está sendo realizada e na contribuição à organização e à sociedade. O sofrimento aparece relacionado à pressão por prazos, nos desentendimentos entre os colegas, na falta de condição física para realizar as tarefas, nas disputas profissionais no local de trabalho, nos perigos inerentes à atividade profissional, na falta de reconhecimento e na sobrecarga de tarefas. Identificou-se neste estudo que o sofrimento no trabalho está sendo contido por estratégias defensivas de negação, racionalização e adaptação. Diante dos resultados, concluiu-se que a tendência à aceitação das adversidades das situações de trabalho e a utilização de defesas individuais contra o sofrimento em detrimento de mecanismos para sua transformação estão contribuindo para facilitar a adaptação dos trabalhadores às pressões e à exploração do trabalho.

Palavras-chave: Prazer. Sofrimento. Trabalhadores da construção civil.

ABSTRACT

This study, founded on the theoretical references of the Psychodynamics of Work, seeks to analyze the perception of construction workers who participate in a qualification program sponsored by a federal school located in the city of Belo Horizonte with respect to experiences of contentment and suffering in the work place. For that purpose, a descriptive research work was performed, using a qualitative approach and based on a case study. Fifteen workers of the operational area took part in this study, by means of a semi-structured interview. We were able to observe, by analyzing the data, that contentment and suffering coexist in the construction workers' work place. Both the organization of the construction work and the social/professional relationships are sources of contentment and suffering to workers. Contentment can be attained through: friendship, unity and companionship, recognition by superiors and clients, the satisfaction provided by their professional activity, the significant relations with their tasks, the possibility of helping to transform the place where the construction takes place and their contribution to the organization and to society. Suffering is brought about by deadline pressures, quarrels with coworkers, lack of physical conditions to perform their tasks, professional disputes in the work place, dangers inherent to their professional activity, lack of recognition and the heavy workload. We found out, through this study, that suffering at work is usually restrained by defensive strategies of denial, rationalization and adaption. In view of the results, the conclusion is that the tendency to accept adversities at work and the use of individual defense mechanisms against suffering, instead of mechanisms for its transformation, have contributed to a better adaption of the workers to the pressures and exploitation of their work.

Keywords: Contentment. Suffering. Construction workers.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Demonstrativo das disciplinas oferecidas no Módulo 1

Quadro 2 – Demonstrativo das disciplinas oferecidas no Módulo 2

Quadro3 – Perfil dos profissionais entrevistados

Quadro 4 – Categorias, subcategorias e núcleos de sentido

Quadro 5 – Resumo da análise dos dados da categoria contexto do trabalho

Quadro 6 – Resumo da análise dos dados da categoria sentido do trabalho

Quadro 7 – Resumo da análise dos dados da estratégia de defesa

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANS – Análise dos núcleos de sentido

Caged - Cadastro geral de empregados e desempregados programas

Cefet-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MTE - Ministério do Trabalho e do Emprego

Progest - Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia

Sitre - Simpósio Internacional Trabalho, Relações de Trabalho e Identidade

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

1 INTRODUÇÃO

A atividade laboral sempre acompanhou o ser humano em sua evolução histórica. De acordo com Pereira e Vieira (2011), o trabalho apresenta-se atualmente nas sociedades ocidentais como um dos valores mais importantes, em que as condições de exercê-lo influenciam a produtividade, a motivação e a satisfação do indivíduo. A compreensão do significado do que seja trabalho vem sendo modificada com o passar do tempo, de acordo com a cultura observada em cada sociedade e a forma como as relações entre os trabalhadores acontecem no processo produtivo (RIBEIRO; LUZ, 2010).

Para Sampaio e Messias (2007), o trabalho é uma atividade com especificidade humana, realizada por meio de instrumentos e baseada na cooperação e na comunicação, porque ele é social desde o seu início.

Borges (1999) explica que a compreensão do trabalho é formulada também a partir do resultado de um processo histórico, associado a interesses econômicos, ideológicos e políticos, o qual serve ainda como instrumento que justifica as relações de poder.

A atividade laboral pode gerar prazer e sofrimento ao trabalhador. De acordo com Mendes e Linhares (1996) e Mendes e Abrahão (1996), o prazer no trabalho é experimentado, por exemplo, quando a atividade é favorecida pela valorização e o reconhecimento da organização e da sociedade. Já o sofrimento, segundo os autores, é vivenciado quando a padronização e a divisão das tarefas subutilizam a criatividade e a capacidade técnica do trabalhador e quando a organização está estruturada na rigidez hierárquica, com excessivos procedimentos relativos à burocracia, na centralização da informação e nas intervenções políticas, com uma perspectiva pequena de crescimento profissional.

Observando-se o número de trabalhos acadêmicos publicados que abordam a temática “Prazer e do sofrimento no trabalho”, pode-se afirmar que nos últimos anos vem aumentando o interesse dos pesquisadores por este assunto. Os estudos

desenvolvidos neste campo têm explorado uma diversidade de contextos de trabalho e categorias profissionais à luz de várias abordagens teóricas, por exemplo, no setor têxtil (D'ARCI, 2003), na indústria de calçados (NAVARRO, 2003), na metalurgia (ARÚJO; OLIVEIRA, 2006) e na área da educação (CUPERTINO, 2012), entre tantos outros.

Dejours (1992) abordou a dinâmica das relações entre o indivíduo e o trabalho, enfatizando suas consequências, denominando seus estudos de “Psicodinâmica do trabalho”. Para o autor as vivências de prazer e bem-estar e o comportamento para se evitar o sofrimento é uma necessidade do ser humano.

Segundo Dejours (1993), os trabalhadores não ficam na condição de passivos ante as pressões ou coações sofridas no trabalho. Eles reagem em conjunto por meio de estratégias defensivas.

No processo de execução de uma obra, o prazer e o sofrimento podem ser facilmente identificados, em razão dos elevados riscos à condição física dos trabalhadores envolvidos e de ser considerada uma das mais perigosas atividades laborais em todo mundo, estando à frente na taxa de acidentes de trabalho, fatais ou não (RINGEN; SEEGAL; WEEKS, 2012). Entretanto, reconhece-se um alto apreço por parte dos trabalhadores em fazer parte desta categoria funcional, pois eles se identificam com a atividade laboral, fazendo com que ela assuma elevada centralidade em sua vida, apresentando uma qualidade distintiva de prazer e de sofrimento, relacionadas de forma recíproca (BORGES 1996; BORGES; TAMAYO 2001).

A construção civil detém a lógica da manufatura, porque tem como característica a utilização artesanal em sua produção, a qual demanda considerável esforço físico, fazendo com que o trabalhador se submeta a um longo aprendizado, por meio da experiência na prática laboral, sendo encarregado de tarefas com limites técnicos menores (SOUZA, 1983).

O trabalhador da construção civil do nível operacional, se sente discriminado pela sociedade. Souza (1983) registrou algumas reações de operários à discriminação

social quando relatou que ele desejava que seus filhos estudassem, para não exercer a mesma profissão, e manifestava a vergonha por estar naquela profissão, ficando evidente, a consciência da desvalorização social a que está submetido.

O discurso que coloca o trabalhador da construção civil como sendo uma mão de obra desqualificada é assumido pelos próprios trabalhadores, que fortalecem e reproduzem as discriminações nas relações entre eles. Segundo Santos (2010), alguns trabalhadores colocados em posição hierárquica superior no canteiros de obras, como encarregados e mestres de obras, costumam dispensar tratamento humilhante e discriminante àqueles que estão sob a sua orientação, chamando-os de “serventes incompetentes”.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que o desempenho da construção civil em 2011 caracterizou-se pelo aumento da população ocupada, que acumulou crescimento de 3,9%. Ainda de acordo com o IBGE, desde de 2008 a construção civil vem se valorizando como um setor da economia em crescimento. Segundo Mello, Amorim e Bandeira (2008), este fato se deve às características específicas da construção civil, tais como: alto grau do efeito multiplicador, pequena necessidade de investimento, intenso uso da mão de obra e coeficiente de nacionalização elevado.

Os indicadores estatísticos do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), que subsidia os programas do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), demonstram que de dezembro de 2009 a setembro de 2010 o número de trabalhadores da construção civil cresceu 14,59%, contra 6,67% do conjunto dos outros setores da economia. Em de 2013, de acordo com dados coletados pela CAGED, no mês de maio, a construção civil demitiu 1.877 trabalhadores, concentrando-se a maior parte no estado de Pernambuco. Este fato deve-se em parte a conclusão das obras vinculadas à Copa do Mundo de futebol de 2014.

Apesar do crescimento da construção civil nos últimos anos, segundo Mello e Amorin (2009), o setor apresenta problemas de ordem tecnológica e de gestão. Os autores mencionam que a produtividade americana é de 100%, a europeia é de 75% e a brasileira é de apenas 15%. Eles acrescentam que outra consequência dos

problemas tecnológicos e de gestão é o prazo médio para a conclusão das obras de edificação em território brasileiro que é três vezes maior do que em território americano e duas vezes maior que no europeu.

A explicação para a baixa produtividade do setor está na desqualificação e na falta de atualização do trabalhador (MELLO; AMORIN, 2009). Para os autores, estes aspectos somam-se aos baixos salários recebidos pelos trabalhadores e às características de trabalho braçal desta atividade, como elementos que compõem a imagem deste operário perante a sociedade.

Barros e Mendes (2003) argumentam que o estigma de operário desqualificado pode se tornar uma fonte de sofrimento para o trabalhador, o qual, caso se considere nessa situação, poderá se submeter a uma gestão autoritária, por falta de alternativa.

A construção civil, como parte do conjunto de uma estrutura produtiva marcada pela alta competitividade, por acirrados espaços mercadológicos e pelo contínuo avanço da tecnologia e submetida a mudanças relevantes em todo o mundo trabalhista, apresenta uma nova realidade. Por extensão, os trabalhadores deste setor também sofrem as consequências desta nova estrutura produtiva e tecnológica. Segundo Tomasi (1999), a formação do trabalhador no setor da construção civil é, tradicionalmente, obtida a partir da prática do conhecimento, transmitida no canteiro de obras, ou seja, de pai para filho, considerada insuficiente para se adequar ao desenvolvimento tecnológico do setor. Portanto, exige-se destes trabalhadores que proporcionem um serviço de qualidade, muitas vezes, em um contexto marcado por recursos humanos deficientes.

1.1 Problematização da pesquisa

Na conjuntura de um mundo em permanentes alterações, as mudanças no relacionamento social do trabalho vão além da compreensão da pessoa e de sua real cooperação social. Dejours (2003) afirma que a velocidade do ritmo da produção, como exigência das organizações, é um fator que cria uma contradição

de sentimentos de prazer e sofrimento nos trabalhadores. Segundo o autor, o sofrimento vivenciado reflete o infortúnio a que o trabalhador está sujeito na ambientação do trabalho, enquanto o prazer torna-se o reflexo do contentamento por ter atingido os objetivos ou, ainda, por sentir-se produtivo e atuante no contexto das vinculações sociais de trabalho.

No processo de execução de uma obra na construção civil, o sofrimento é identificado na evidência de esta atividade apresentar elevados riscos à condição física dos trabalhadores envolvidos (RINGEN; SEEGAL; WEEKS, 2009). De outro lado, esta atividade goza de alto apreço pelos trabalhadores, pois, fazendo parte dela, cria-se a identificação entre ambos fazendo com que esta atividade laboral tenha uma elevada centralidade em suas vidas, caracterizando-se por uma qualidade distintiva de prazer e de sofrimento, sentimentos relacionados de forma recíproca (BORGES 1996; BORGES; TAMAYO 2001).

Nesta conjuntura, define-se como problema de pesquisa: Como os operários da construção civil vivenciam o prazer e o sofrimento no exercício da sua profissão?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar as vivências de prazer e sofrimento percebidas por trabalhadores da construção civil participantes de um programa de qualificação profissional em uma Instituição federal de ensino no município de Belo Horizonte – Minas Gerais.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Analisar as razões que conduziram os trabalhadores pesquisados a escolher a construção civil como atividade profissional.

- b) Identificar as vivências de prazer no trabalho segundo as percepções dos trabalhadores pesquisados.
- c) Identificar as vivências de sofrimento no trabalho segundo as percepções dos trabalhadores pesquisados.
- d) Identificar as estratégias de defesa utilizadas pelos trabalhadores pesquisados para enfrentar as situações que geram sofrimento.

1.3 Justificativa

A elaboração deste estudo se justifica pela sua proposta de obter conhecimentos aplicáveis ao aperfeiçoamento da relação do trabalhador da construção civil com a sua atividade profissional e com a organização. Assim, torna-se importante compreender as ocorrências ou vicissitudes da atividade laboral, observando-se que estas fazem ou fizeram parte da vida de quase todos os indivíduos. Para Dejours (2004), o trabalho se constitui na parte central da construção e da saúde dos indivíduos, da realização pessoal, da formação das relações com os outros sujeitos e da evolução cultural.

Buscando-se conhecer como ocorrem o prazer ou a transformação do sofrimento em criatividade, torna-se possível verificar como se processa o envolvimento do trabalhador com sua atividade, sem com isso prejudicar sua saúde mental, oferecendo, ainda, elementos para a melhor compreensão acadêmica, social e organizacional a respeito das circunstâncias subjetivas de trabalho a que o trabalhador está submetido.

Sob o ponto de vista acadêmico-científico, o estudo do tema se torna importante por dar continuidade às pesquisas sobre prazer e sofrimento no trabalho, pretendendo acrescentar informações aos estudos já realizados. Para Mendes e Cruz (2004), o trabalho colabora com o processo saúde-adoecimento, sendo que o comportamento que resulta em saúde não significa a ausência de sofrimento, mas o modo como o indivíduo reage a ele, transformando o sofrimento a partir da consciência das causas

que o geraram.

Sob o ponto de vista social, procura-se contribuir para uma reflexão a respeito da subjetividade desse trabalhador quando confrontado com as vivências de prazer e sofrimento na atividade laboral, favorecendo o conhecimento das diversidades de situações inerentes à sua atividade e proporcionando à sociedade o entendimento do valor desse trabalhador como um ser humano, e não como um objeto de produção.

Sob a ótica organizacional, estudos aprofundados baseados na Psicodinâmica do Trabalho identificam a atividade laboral como fonte de prazer, contanto que as condições e o ambiente sejam adequados (DEJOURS, 1988; 1994; 1996; CRUZ, 2005; MORAES, 2005; MENDES, 2007). Mas a atividade laboral também poderá ser fonte de sofrimento e alienação (CODO, 1999; MANCEBO, 2007; ESTEVE, 1999; LEMOS, 2005; GARCIA, 2010; BOSI, 2011). Compreender o mundo do trabalho e seus efeitos na saúde dos trabalhadores é essencial para o entendimento e a mudança de comportamento quanto às situações laborais originadoras de sofrimento. Dessa forma, este estudo procura contribuir com a gestão deste setor da construção civil e com os trabalhadores em questão no que se refere à discussão das relações de trabalho e ao conseqüente sofrimento do trabalhador. Dessa maneira, mais consciente dessas relações, ele atribuirá uma significação positiva à sua atividade. Obtém-se assim, um ganho geral para as organizações, na medida em que o trabalhador ao se identificar com o que faz, passa a experimentar maior prazer, minimizando o sofrimento, além da melhora de vida do profissional e, conseqüentemente, da organização, pois isso refletirá no produto final oferecido à sociedade.

Este estudo está estruturado em cinco seções. A primeira refere-se à Introdução, na qual se encontram a problematização, os objetivos e a justificativa da pesquisa. A segunda trata do referencial teórico. A terceira, descreve a ambiência da pesquisa. A quarta desenvolve a metodologia, em que se procura apresentar como se procederá para a obtenção e o tratamento dos dados. A quinta aborda as considerações finais.

2 AMBIÊNCIA DA PESQUISA

A ambiência da pesquisa contempla o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), instituição pública de ensino do campo da Educação Tecnológica. O Cefet oferece 71 cursos, abrangendo os níveis médio, superior e de pós-graduação, realizando também, indissociadamente, o ensino, a pesquisa e a extensão na área tecnológica, atuando com a pesquisa aplicada. Possui hoje mais de 15 mil alunos e 1.300 servidores. Sua estrutura é formada por nove campi, distribuídos pelo estado de Minas Gerais, sendo dois localizados em Belo Horizonte e um nas demais cidades: Leopoldina, Araxá, Divinópolis, Timóteo, Varginha, Nepomuceno e Curvelo.

Criado pelo Decreto 7.566, do presidente da República Nilo Peçanha, com o nome de “Escola de Aprendizes Artífices”, o CEFET-MG, iniciou suas atividades em 23 de setembro de 1910, subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Segundo dados documentais da instituição, em 18 de agosto de 1941 a escola teve o seu nome mudado para “Liceu Industrial de Minas Gerais”. Em 30 de janeiro de 1943, passou a se chamar “Escola Industrial de Minas Gerais”. Em 16 de fevereiro de 1959, por meio da Lei 3.552, obteve autonomia didática, técnica, financeira e administrativa, tendo seu nome mudado para “Escola Técnica Federal de Minas Gerais”. Finalmente, em 30 de junho de 1978, por meio da Lei 6.545, foi transformada em uma autarquia de regime especial, denominando-se a partir de então “Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais” (CEFET-MG).

Em 2003, começou a ser desenvolvido no CEFET-MG o Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia (PROGEST). De acordo com informações fornecidas pelo coordenador do projeto, professor Doutor Antônio Tomasi, o objetivo do Programa era produzir pesquisa no âmbito da engenharia, da gestão da produção e do trabalho, possibilitando a troca de conhecimentos entre trabalhadores da construção civil e estudantes de Engenharia da Produção Civil, levando até aos trabalhadores os conhecimentos relacionados à gestão da produção, a sua qualidade e a sua importância para os trabalhos de canteiros de

obras.

Segundo o coordenador, durante longo tempo a construção civil ficou à margem das transformações ocorridas no mundo do trabalho, especialmente em relação às mudanças de ordem tecnológica e organizacional que alavancaram a indústria desde sua primeira revolução. A construção civil manteve-se fechada em si mesma, adotando um modo próprio de fabricação e de participação nas relações de produção e de consumo, diferenciando-se dos outros setores produtivos, prevalecendo até há pouco tempo uma proximidade considerável com a produção artesanal.

Para o professor Antônio Tomasi, o setor da construção civil, historicamente, manteve uma relação de dependência dos recursos públicos. A escassez desses recursos vivenciados no final da década de 1970 para as demandas sociais básicas, como habitação, saneamento e transporte, fez com que a construção civil e as empresas do setor buscassem uma nova forma organizacional de trabalho e produção, elegendo o processo de industrialização como meta, visando à superação de seus desafios. O PROGEST se insere neste contexto, esforçando-se para garantir e disseminar os conhecimentos dos novos modos de gestão da atividade laboral e dos trabalhadores que procuravam o curso de Gestão de Obras.

O coordenador do Programa declarou que ao longo do curso de Gestão de Obras os alunos e professores dos cursos de engenharia do CEFET-MG, especialmente os da Engenharia de Produção Civil, podem vivenciar a troca de conhecimentos fundamentais à formação profissional, tendo também a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento social e humano de forma solidária.

De acordo com dados fornecidos pela coordenação do Progest o curso estrutura-se com a oferta das seguintes disciplinas: Matemática básica, Linguagem para fins profissionais, Informática básica, Leitura de projetos hidrossanitários, Leitura de projetos elétricos, Leitura de projetos arquitetônicos, Leitura de projetos estruturais, Tecnologia das construções, Gestão de pessoas, Logística, Arranjo físico e fluxo, Meio ambiente, Qualidade e produtividade, Legislação trabalhista, Ergonomia e Segurança do trabalho, distribuídas com a seguinte carga horária (Quadro 1 e

Quadro 2).

Demonstrativo das disciplinas oferecidas no Módulo 1

| DISCIPLINAS | MÓDULO I (horas) |
|---|---------------------|
| 1. Núcleo Básico (34 horas) | |
| 1.1. Matemática Básica | 18 |
| 1.2. Linguagem para Fins Profissionais | 16 |
| 2. Núcleo Técnico (76 horas) | |
| 2.1. Materiais de Construção | 20 |
| 2.2. Leitura de Projetos Elétricos | 18 |
| 2.3. Leitura de Projetos Hidrossanitários | 18 |
| 2.4. Leitura de Projetos Arquitetônicos | 20 |
| 3. Núcleo Gestor (10 horas) | |
| 3.1. Meio Ambiente | 10 |
| Total | 120 |

Fonte – Dados documentais fornecidos pela coordenação do curso

Demonstrativo das disciplinas oferecidas no Módulo 2

| DISCIPLINAS | MÓDULO II (horas) |
|--|----------------------|
| 1. Núcleo Básico (20 horas) | |
| 1.1. Informática Básica | 20 |
| 2. Núcleo Técnico (28 horas) | |
| 2.1. Tecnologia das Construções | 14 |
| 2.2. Leitura de Projetos Estruturais | 16 |
| 3. Núcleo Gestor (72 horas) | |
| 3.1. Gestão de Pessoas | 14 |
| 3.2. Logística, Arranjo e Fluxo | 12 |
| 3.3. Qualidade e Produtividade | 16 |
| 3.4. Legislação Trabalhista | 12 |
| 3.5. Ergonomia e Segurança do Trabalho | 16 |
| Total | 120 |

Fonte – Dados documentais fornecidos pela coordenação do curso

A cada semestre realiza-se um processo de seleção, com o objetivo de preencher as vagas ofertadas, o qual se inicia com a formulação e divulgação de edital, em que constam as datas de inscrição de realização das provas e a divulgação dos resultados da matrícula e do início das aulas. No edital, também constam os pré-requisitos para o preenchimento das vagas. No caso do curso Gestão de Obras, o

candidato deve possuir ensino fundamental e comprovar experiência profissional na construção civil, aferida mediante a apresentação da Carteira de Trabalho e Previdência Social no ato da matrícula.

A seleção dos candidatos consiste em uma única fase, eliminatória e classificatória, por meio de prova com questões objetivas, de múltipla escolha.

O curso de Gestão de Obras oferecido pelo PROGEST é direcionado, portanto, a trabalhadores da construção civil que já tenham alguma experiência na área. Seu objetivo é agregar à habilidade de trabalho dos candidatos um pouco de teoria e dinâmica administrativa dos canteiros de obras, estando voltado para os trabalhadores da construção civil domiciliados na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Sua duração total é de 240 horas, distribuídas em dois módulos semestrais de 120 horas. É organizado e supervisionado por professores dos cursos de mestrado em Educação Tecnológica e de graduação em Engenharia de Produção Civil, Engenharia Elétrica do CEFET-MG e ministrado por alunos destes mesmos cursos. Segundo dados recentes, até o 1º semestre de 2013 vinte turmas já haviam concluído o curso, que se iniciou em 2003.

Em 2006 o Programa incluiu em seus objetivos: divulgar o conhecimento e promover uma rede nacional e internacional de intercâmbio de alunos, professores e pesquisadores. Nesse sentido, passou a organizar, a cada 24 meses, um encontro de alunos, professores, pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, em um evento chamado “Simpósio Internacional Trabalho, Relações de Trabalho e Identidade” (SITRE), em função do empenho de alunos e professores do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG e de outras Instituições, como a UFMG e, posteriormente, a UEMG e a UFOP.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo aborda os aspectos da vida do trabalhador vinculado a um grupo social, considerando o seu envolvimento com a organização, o qual interfere diretamente em sua vida, fazendo-o experimentar o prazer e o sofrimento provenientes da atividade laboral.

Será apresentada a construção civil, a partir da exposição do seu significado, características, objetivos, importância e sua inserção no mundo do trabalho, bem como o prazer e o sofrimento que ela provoca em seus trabalhadores.

3.1 A atividade laboral e o adoecimento psíquico

Por meio do trabalho, o ser humano pode expressar-se e afirmar-se, psicologicamente e socialmente, realizando seus ideais e participando do desenvolvimento da sociedade (TAMAYO; TROCCOLI, 2002).

Marcuse (1969) considera que a sociedade concebe o trabalho como fonte essencial à sobrevivência, por meio da qual lhe oferece a oportunidade de transformar e de ser transformado. Portanto, o trabalho é indispensável a qualquer indivíduo, pois ordena o próprio estado de sobrevivência e de inserção social da pessoa, constituindo-se em um elemento de harmonização e progresso humano, já que estrutura o indivíduo do ponto de vista tanto mental quanto físico.

O trabalho foi considerado por Toledo (2006) como meio para a satisfação das necessidades econômicas e, também, como uma forma de satisfação pessoal de ter realizado algo bem feito. Segundo a autora, o trabalhador, ao encontrar o significado da atividade laboral, sente-se motivado a progredir com a organização. Ele se sente reconhecido, empenha-se por realizar as atividades laborais com prazer e reafirma a sua identidade. Dessa forma, o trabalho vem se determinando como grau de importância ainda maior na vida dos indivíduos (FERREIRA; MENDES, 2003).

Por meio do trabalho, o ser humano transforma a natureza, garantindo sua própria preservação. A atividade laboral pode ser considerada uma ação organizada, em que se busca com consciência a resposta aos desafios naturais decorrentes da luta pela sobrevivência (ARANHA, 1993; MARTINS, 1993).

Santos, Novo e Tavares (2010) defenderam que o significado do trabalho é um fator elementar da interação com determinados grupos, representando uma atribuição psíquica, fundamentando, assim, a formação do sujeito e sua gama de significados, ultrapassando, portando, a gratificação financeira.

Andreis (2007) afirma que as lutas existentes no relacionamento entre as novas regulações de mercado e a classe trabalhadora continuam sendo a natureza central da vida social. Para o autor, o relacionamento no sistema padrão de produção foi substituído por outras formas de contrato, mais flexíveis, favorecendo o discurso das organizações, que vem prevalecendo em detrimento da classe dos trabalhadores.

De Masi (2003) observa que a implantação de inovadoras formas de gestão organizacional foi responsável pelas transformações na ambientação da produção e pelos reflexos nos vínculos sociais do trabalho. As organizações têm estabelecido posicionamentos modernos e diferenciados. Emergiram novas regulações de trabalho, como a terceirização, a subcontratação e a informalidade, caracterizadas pela flexibilização e pela negação aos direitos trabalhistas (HONÓRIO, 1998).

De acordo com Luz (2007), as novas organizações adotaram como procedimento exigir que o trabalhador seja capaz de inovar, seja habilidoso para a solução de problemas complicados e esteja comprometido com os valores da organização. Também, deve ser capaz de gerir as próprias qualificações, habilidades, conhecimento e a criatividade, que constituem o capital intelectual, objetivando se manter em condições de empregabilidade (BARROS; ANDRADE; GUIMARÃES, 2008).

Como parte das transformações que ocorrem no mundo laboral, aparece também o controle organizacional, que, ao longo das últimas décadas, vem intensificando e modernizando a forma como se controla a produção e o trabalhador. Na visão de

Dourado e Carvalho (2006), as organizações têm imposto novos métodos de controle. Isso, muitas vezes, não é fácil de perceber, pois a própria estrutura os torna impossível de decifrar. Freitas (2006) corrobora com essa ideia quando afirma que a pressão, as regras, o controle e a sobrecarga substituíram a coação, determinando, assim, a ditadura do trabalho, que faz com que o ritmo do dia do sujeito seja elevado, conduzindo-o à exaustão.

Neste contexto, também se observa a substituição da rígida divisão das atividades por formas mais livres e horizontais de organização do trabalho, oportunizando a exploração mais intensa desta mesma atividade (OLIVEIRA, 2004; MARTINS; OLIVEIRA, 2006).

Para Fidalgo, Oliveira e Fidalgo (2009), o modelo da gestão flexível, praticado pelas organizações, reproduz a carência da preparação de profissionais competentes, capazes de executar várias tarefas e flexíveis visando uma maior produtividade do trabalhador com um custo de produção menor. As organizações objetivando alcançar essa produtividade apresenta-se por meio de estruturas mais sofisticadas de alienação e controle, e como consequência, o trabalhador da atualidade tem ficado à mercê dessa ação organizacional que é opressora.

Barros, Andrade e Guimarães (2008) afirmam que a possibilidade de o indivíduo se libertar da ditadura do trabalho e vivenciar qualquer liberdade diminui à medida que o consumo e a organização começam a impor as identificações do sujeito, sendo que o próprio caráter da pessoa é determinado pela vida na sociedade, que é capitalista e voltada ao mercado. Corroborando o pensamento dos autores, Toledo (2004) afirma que o ser humano está preso a uma série de exigências que não só influenciam e desequilibram sua vida profissional, como também refletem em sua vida familiar e pessoal.

Freitas (2006) esclarece que as empresas atuais não levam em consideração a noção de hora nem de dia em que a tecnologia moderna favorece o mundo do trabalho, que penetra na vida familiar do trabalhador, fazendo-o ficar alerta e deixando-o sempre disponível ao posto de trabalho.

Dejours (2004) afirma que o desenvolvimento das formas de organização do trabalho da atualidade, visando à rentabilidade e à competitividade, vem sacrificando a subjetividade do indivíduo, agravando as patologias mentais originadas da atividade laboral.

Dejours (1992) defende que as pressões originadas da organização do trabalho colocam em risco a saúde mental e o equilíbrio psíquico do trabalhador e que as condições físicas do ambiente de trabalho, tais como barulho, vibrações e temperatura, somada às condições químicas, como poeira, gases e vapores, e, ainda, às condições biológicas, como vírus, bactérias e fungos, atacam a parte física do trabalhador.

Dejours e Abdoucheli (1994) demonstram que o sofrimento envolve um estado de confronto do indivíduo contra as forças pertencentes às organizações, que o jogam em direção ao adoecimento. Para os autores, uma vez que a eliminação do sofrimento não seja possível, o que se torna um desafio é a definição de ações capazes de transformar o sofrimento em criatividade. Caso contrário, o sofrimento se tornará patogênico. Ou seja, aquele que surge do contexto em que todas as ações do indivíduo visando à adaptação à organização do trabalho em que procura colocá-la de acordo com seu desejo são frustradas, bloqueando seu relacionamento subjetivo com a organização.

Buscando promover melhor entendimento dos reflexos da atividade laboral na saúde psíquica dos trabalhadores é que surge a Psicodinâmica do Trabalho.

3.2 A Psicodinâmica do Trabalho

De acordo com Facas (2009), a Psicodinâmica do Trabalho é o resultado de estudos do médico do trabalho, psicanalista e pesquisador Christophe Dejours, que, com base nos conhecimentos adquiridos com o estudo da Psicopatologia do Trabalho, defendia que os indivíduos se mantêm inertes perante a organização do trabalho, delineando um relacionamento de causa e efeito entre a organização e o adoecimento (SOUZA, 2007). As pesquisas iniciais nesta área dedicaram-se a

conhecer as alterações psíquicas motivadas pela atividade laboral (CHANLAT, 1996).

Para Mendes (2007), a Psicodinâmica do Trabalho expõe uma análise sociopsíquica da atividade laboral, tendo como início a organização da própria atividade para, depois, compreender as vivências subjetivas, dentre as quais o prazer, o sofrimento, o processo saúde-adoecimento e os mecanismos de defesa e de mediação do sofrimento. Segundo a autora, o progresso dos estudos da Psicodinâmica do Trabalho passa por três fases.

A primeira fase acontece com a publicação da obra de Dejours, em 1980, *A loucura do trabalho: estudos da psicopatologia do trabalho*. O tema central desta obra é a origem do sofrimento do indivíduo trabalhador com a organização do trabalho (MENDES, 2007).

A segunda fase é marcada pela publicação da obra *O Fator Humano* de Dejours (2002). As vivências de prazer e sofrimento por trabalhadores decorrentes de suas relações com a atividade laboral são os destaques da pesquisa, na qual se observam as estratégias encontradas por eles para evitar o sofrimento e, por consequência, a doença. Em outras palavras, o esforço individual para buscar adaptação à organização do trabalho. Fica claro o papel da atividade laboral na construção da identidade do trabalhador, na valorização e no reconhecimento como elementos importantes e no enfrentamento do prazer e sofrimento (MENDES, 2007).

A terceira fase inicia-se em 1990. A Psicodinâmica do Trabalho adquire status de disciplina, afirmando-se novamente como abordagem científica, sendo capaz de explicar as consequências da atividade laboral sobre os processos subjetivos do trabalhador (MENDES, 2007). Dejours concluiu que os processos de adaptação ao sofrimento na atividade laboral são individuais e dinâmicos. Os indivíduos reagem às vivências de prazer e sofrimento conforme com a sua capacidade psíquica, envolvendo a sua energia psíquica, com o objetivo de evitar a doença e procurando o prazer. As formas de organização do trabalho e as relações de trabalho e de gestão influenciam o trabalhador segundo o sentido que ele atribui à sua atividade (DEJOURS, 1992; MENDES, 2007).

De acordo com Dejours (2001), a maneira como os indivíduos respondem aos infortúnios oriundos da atividade laboral relaciona-se aos processos inconscientes, à manifestação da subjetividade que cada um traz em si mesmo e à história de vida estabelecida a partir de seus desejos e daquilo que é necessário, que exprime com exatidão características únicas.

A Psicodinâmica dedica-se a entender as vivências subjetivas de prazer e sofrimento do indivíduo em sua relação com a própria atividade laboral, achando-se aí, permanentemente, o embate de forças opostas, provenientes de situações determinadas pelas organizações e de suas próprias faculdades internas, para enfrentá-las (DEJOURS, ABDOUCHELI; JAYET, 1994). Para os autores, a Psicodinâmica do Trabalho dedica-se ao estudo da doença mental e das estratégias em movimento, considerando-se os construtos sociais envolvidos ou seja as transformações do sofrimento mental relacionadas à organização do trabalho.

Segundo Lancman e Uchida, (2003), entender o sofrimento psíquico decorrente da atividade laboral e da falta de estabilidade psicológica dos indivíduos foi o objetivo de Dejours. Esperava-se que em determinadas condições ambientais os indivíduos perderiam a estabilidade psíquica (LANCMAN; UCHIDA, 2003). Porém, observando a atividade laboral, Dejours percebeu que isso não ocorria com frequência. Dejours (1994), estudando o comportamento dos trabalhadores da construção civil, subjugados a situações difíceis de trabalho, observou que a maior parte deles se mantinha saudáveis.

Com a evolução das pesquisas, os estudos focaram no sentido de entender como boa parte dos trabalhadores evitava as doenças mentais, a despeito das pressões organizacionais. Revela-se, então, que a normalidade é alcançada por meio das estratégias de defesa dos trabalhadores no que se aplica ao sofrimento no trabalho (MENDES, 2007).

A Psicodinâmica do Trabalho possibilitou compreender que não era apenas o indivíduo o único responsável pelas consequências da atividade laboral que incidiam em sua saúde. Os estudos passaram então a direcionar-se pela busca da realidade

ou vivência laboral, por exemplo, a função da inteligência dos trabalhadores, apontada no mecanismo de defesa na construção da identidade no trabalho (DEJOURS, 1988).

De acordo com Dejourns e Jayet (1994), o objetivo da Psicodinâmica do Trabalho é compreender as atitudes, os procedimentos ou comportamentos e as vivências de prazer e de sofrimento por parte do trabalhador, bem como as relações sociais de trabalho e a organização.

Mendes (2007) explica que a Psicodinâmica do Trabalho faz uma abordagem de pesquisa e ação sobre a atividade laboral. Consiste em analisar criticamente a forma de agir da organização do trabalho, permitindo que o trabalhador reflita e crie estratégias, a partir de atitudes individuais e em grupo, que favoreçam o prazer e a saúde.

Santos (2004) observa que a Psicodinâmica do Trabalho está alicerçada no entendimento de que o trabalhador é um indivíduo que pondera sobre sua conexão com a atividade laboral. No entanto, pelo fato de a organização exercer uma pressão, ele poderá experimentar o sofrimento e desenvolver estratégias, individuais ou em grupo, para se defender.

De acordo com Dejourns (1994), a Psicodinâmica do Trabalho entende que as pressões que podem pôr em risco o equilíbrio psíquico e a sanidade mental do trabalhador são originadas da forma como a atividade laboral está organizada, afetando suas atividades, e, da mesma forma, a questão do relacionamento entre os próprios trabalhadores.

Dejourns e Abdoucheli (1994) são categóricos ao afirmar que o sofrimento emerge da relação conflituosa entre a organização de trabalho e o funcionamento psíquico do trabalhador, sendo possível reconhecê-lo como fonte de sofrimento e, simultaneamente, objeto de análise.

Dejourns e Jayet (1994) defendem que as atitudes transformadoras têm início a partir da escuta médica do sofrimento e devem, desta maneira, envolver os próprios

trabalhadores, pois eles, ao iniciarem suas atividades no ambiente laboral, já possuem uma trajetória de vida que atesta cada um características pessoais e exclusivas.

Para Dejours e Abdoucheli e Jayet (1994), a transformação de um trabalho que traz fadiga em um trabalho que proporciona equilíbrio é possível quando se faz uma intervenção na organização do trabalho, a partir dos aspectos elucidados pela Psicodinâmica do Trabalho, que são: organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho.

No entendimento de Dejours (1994), a conjuntura do trabalho exerce influência no prazer e no sofrimento, que compõem a subjetividade. Para o autor, a conjuntura laborativa é formada pela organização do trabalho, cujos elementos são: a divisão do trabalho, o resultado esperado entre a relação do que é produzido e os meios aplicados na produção, as regras formais e o espaço de tempo destinado, a atividade laboral e ao controle do ritmo. É formada também pela condição de trabalho, que se refere a: ambiente físico, equipamento, matéria-prima e suporte da organização. E, finalmente, pelas relações socioprofissionais, que dizem respeito às interações hierárquicas, às relações entre os membros da equipe de trabalho e às relações externas.

Merlo e Mendes (2009) afirmam que as ferramentas de investigação utilizadas pela Psicodinâmica do Trabalho mostraram-se valiosas no auxílio da compreensão da relação trabalho-doença. Os autores salientam que o mérito da Psicodinâmica do Trabalho foi revelar as possibilidades de agressão mental originadas da organização do trabalho e propor uma intermediação como prevenção. Para autores, a utilização da Psicodinâmica do Trabalho como teoria e método significa entender as consequências do sofrimento na saúde mental dos trabalhadores.

3.3 A vivência do prazer e do sofrimento

O prazer e o sofrimento na atividade laboral formam a dialética que constitui a experiência de trabalho. Dejours (1999, 2000) e Ferreira e Mendes (2003) afirmaram que as vivências do prazer e do sofrimento fazem parte de um mesmo construto,

que essas vivências são ocasionadas pela conjuntura da produção de bens e serviços e que o trabalhador com ela interage, buscando prazer e evitando o sofrimento.

Segundo Mendes (1999), o prazer é compreendido como um elemento central na composição psíquica do indivíduo, uma vez que possibilita a fundamentação da identidade da pessoa a partir da relação ser produtivo e ambiente social.

Hernandes e Macedo (2008) corroboram com essa ideia quando afirmam que o prazer no trabalho possibilita ao indivíduo a construção de uma identidade social que o diferencia dos demais e o torna importante e reconhecido nas relações de trabalho e também perante a sociedade.

A atividade laboral se mostra como originadora de prazer e que indica saúde, na medida em que significa para o indivíduo a capacidade de realização e de construção de sua identidade social e pessoal (TAMAYO, 2004). Para o autor, o trabalho pode ser prazeroso desde que as condições e o ambiente laboral sejam apropriados e que sejam compatíveis com as exigências e a capacidade do trabalhador.

O prazer é vivenciado quando o trabalho resulta da combinação e adequação das necessidades e dos desejos psicológicos do trabalhador, tendo como consequência o bom funcionamento de seu processo psíquico (MENDES; MORRONE, 2002).

Ferreira e Mendes (2003) ponderam que o prazer é experimentado quando ocorre a sublimação e quando existem um novo significado do sofrimento e a utilização da participação coletiva na condução da transformação das vivências do trabalho em fonte de prazer.

As vivências de prazer na atividade laboral são também experiências individuais e/ou coletivas que podem ser experimentadas por um grupo de trabalhadores. O objetivo está em experimentar a gratificação, o que acontece quando o trabalho oferece um equilíbrio mental à saúde física do trabalhador (MACÊDO; GUIMARÃES, 2003).

Segundo Pagés et al. (1993), obter sucesso profissional torna-se uma maneira de ser socialmente percebido. Para alcançá-lo, os indivíduos canalizam suas energias para o trabalho, tornando a carreira um elemento central na relação do trabalhador com a organização, que, por sua vez, utiliza-se dessa possibilidade, condicionando e impondo aos trabalhadores valores organizacionais, como ser alguém de sucesso. Para o indivíduo, a vivência do prazer maior seria ter sucesso.

Harvey (2006) sustenta que ter dinheiro seria o prazer maior a ser quantificado, pois em uma sociedade capitalista ele se torna o representante supremo do poder social, e por isso é visto como objeto de ambição.

A atividade laboral, todavia, muitas vezes, apresenta-se como algo penoso, causando sofrimento aos indivíduos. De acordo com Mendes e Morrone (2002), esse sofrimento ocorre quando as condições da organização de trabalho e as relações socioprofissionais impedem a realização plena do homem, comprometendo sua liberdade.

Para Selye (1959), o sofrimento é o conjunto de reações que o organismo incrementa no esforço de adaptar-se a uma situação nova, procurando voltar ao equilíbrio físico ou psíquico, por meio de estratégias e condutas que cada indivíduo desenvolve.

Mendes (1994) afirma que o sofrimento surge também quando o trabalhador não alcança o equilíbrio entre os desejos pessoais e os objetivos organizacionais, ficando sem espaço para desenvolver seu potencial.

Ferreira e Mendes (2003) argumentam que o sofrimento é definido como um sentimento ou experiência intensa e durável. Na maior parte das vezes, a pessoa não tem consciência de vivências dolorosas, como medo, angústia e falta de segurança, originárias do choque entre a obrigação imprescindível da gratificação do trabalhador e a limitação no ambiente laborativo. Para esses autores, as experiências de sofrimento são causadas por um estado de acontecimentos contrários, provenientes do ambiente organizacional e de circunstâncias e relações

de trabalho que fazem parte da estrutura da conjuntura de produção de bens e serviços, os quais são indicadores de uma situação incômoda no ambiente de trabalho, apresentada por indício de ansiedade, descontentamento, afronta, improficuidade, depreciação e desgaste.

De acordo com Guedes (2004), o ambiente interno das organizações torna-se um espaço adequado para embates nas relações interpessoais, devido as relações de poder, de sujeição e de competição, concebendo o medo, as incertezas, as angústias e o sofrimento. Segundo o autor, essas ocorrências transformam-se em fatos tão comuns que acabam por levar as pessoas a se acomodarem com essa rotina, fazendo com que não mais exista a indignação em ver o colega de trabalho ser hostilizado e maltratado.

A solidariedade cedeu lugar ao individualismo, pois o envolvimento com o outro significa partilhar experiências (FELDEMAN, 2004). Para Faria e Meneghetti (2007), o desejo dos indivíduos em serem bem sucedidos se perde quando confrontados com os interesses organizacionais, mediante artifícios de controle e exploração do trabalhador.

Macedo e Guimarães (2003) analisam as vivências de sofrimento como sendo decorrentes de comportamentos agressivos, da falta de confiança, de boatos, da falta de ânimo, do descontentamento, da falta de reconhecimento dos méritos, de experiências com situações de injustiça, bem como das relações conturbadas entre os grupos de trabalho e atitudes individualistas entre os colegas.

Dejours, Abdoucheli, e Jayet (1994) esclarecem que a ligação do indivíduo com a organização do trabalho é a causa da carga psíquica da atividade laboral e que o sofrimento se inicia quando o trabalhador utiliza o máximo de suas faculdades psicoativas, intelectuais, de adaptação e de aprendizagem.

Para Rodrigues e Gaspariani (1992), as consequências patogênicas das más condições de trabalho obrigam o indivíduo a se esforçar, às vezes, mais do que as suas possibilidades. Os efeitos desse sofrimento causado pela organização do

trabalho originam uma fragilização somática, sendo capaz de bloquear seus esforços.

O sofrimento também exerce a função de alertar o trabalhador de que alguma coisa não está bem. Nessa direção, também torna-se importante para que ocorram alterações na dinâmica de interação do trabalhador com a atividade laboral (MENDES, 1999). A atividade laboral saudável e enriquecedora é aquela que oportuniza ao trabalhador aliviar suas tensões. Caso não isso não ocorra, a tensão se transforma em sofrimento (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Segundo Dejours (1992), a despeito dos esforços do trabalhador para vencer os conflitos e se libertar do sofrimento, os indivíduos sentem-se estimulados pelo sofrimento, e o empenho é transformado em crescimento emocional, oportunizando a manifestação do seu poder criativo e fomentando autoconfiança.

Bergamini (1997) corrobora com essa ideia quando afirma que não considera o sofrimento de todo nocivo, uma vez que o processo contra ele origina uma operacionalização de reações, estimulando, assim, processos vitais, desde que ultrapasse os níveis de intensidade e duração do sofrimento, colocando em risco a saúde do indivíduo.

Na construção civil, o sofrimento vivenciado pelos trabalhadores foi identificado por vários estudiosos como Singer (1988) e Sousa (1999) que enfatizam que o processo do trabalho no setor mostra o trabalho por produção como uma forma intensiva de exploração da atividade laboral, a qual leva a exaustão física e mental do trabalhador.

Dejours (1999) salienta que a coação socioeconômica de uma iminente demissão ou prerrogativas trabalhistas tem causado medo, de modo preponderante nos trabalhadores da construção civil, fazendo surgir o sofrimento psíquico.

No que tange às atividades praticadas no canteiro de obras, Tomasi (1999) afirma que elas são arriscadas, não salubres e que requerem operários jovens, que tenham força e que tenham empenho não apenas em lidar com essas condições, como

também em obter os conhecimentos essenciais para sua execução, tradicionalmente obtida pela prática do conhecimento transmitida no canteiro de obras, ou seja, aquela transmitida de pai para filho, o que é insuficiente para se adequar ao desenvolvimento tecnológico do setor.

Borges e Tamayo (2001) descrevem o sentido atribuído pelos trabalhadores da construção civil ao próprio ofício como sendo aquele que abrange os fatores determinados por uso de força corporal e desumanização, e por isso sentem-se discriminados e daí experimentarem o sofrimento.

Oliveira e Iriart et al. (2008) fazem menção a classes cujo ofício é arriscado, e não sendo valorizado socialmente, é discriminado e com poucas possibilidades de ascensão funcional. Conteúdos semelhantes a esses mostram que as experiências operárias dizem respeito à existência de preconceito e à discriminação social no que tangencia a como se sentem, compreendem e reagem.

Sousa (1983); Iriart et al. (2008) registraram as reações dos trabalhadores à discriminação social quando eles expressam que gostariam que os seus filhos estudassem, para que não exercessem a mesma atividade deles, almejando para eles um ofício melhor.

Outra evidência da consciência que os trabalhadores da construção civil têm que são desvalorizados aparece nos estudos de Souza (1983), quando, no momento em que saem do ambiente do canteiro de obra, procuram esconder a sua maneira de vestir, para não serem identificados como trabalhadores da construção civil.

O setor da construção civil se destaca como atividade laboral intensiva em mão de obra, empregando muitos trabalhadores de baixa qualificação, que pertencem as camadas com menos instrução e mais carentes da sociedade (SILVA, 2008).

Santos (2010) relata que a compreensão que categoriza os operários da construção civil como mão de obra desqualificada é admitida pelos próprios operários, dando força à conformidade e reproduzindo as discriminações entre eles, como um mestre

de obras que ocupa um nível mais alto no canteiro de obras rotular um servente de incompetente.

Dessa forma, a imagem de trabalhador desqualificado pode ser uma fonte de sofrimento para o trabalhador, que, ao se julgar possuidor de tal característica, se sujeitará aos delineamentos autoritários da administração por falta de opção (BARROS; MENDES, 2003; BORGES; TAMAYO, 2001; IRIART et al., 2008; SANTOS 2010; SOUSA, 1983; 1994).

Mendes (1999) afirma que a forma como as tarefas na organização são divididas e padronizadas, a rigidez da hierarquia, a exclusão da participação nas decisões, a falta de reconhecimento profissional, a centralização de informações e a reduzida perspectiva de crescimento profissional suscitam perturbações psíquicas e psicossomáticas, fazendo com que o trabalhador experimente um sofrimento contínuo, inexistindo a possibilidade de negociação entre ele e a realidade.

Com o objetivo de se protegerem dos conflitos que causam o sofrimento, os quais trazem consequências que geram disfunções pessoais e refletem no ambiente organizacional, os trabalhadores são inclinados a desenvolver estratégias coletivas ou individuais, também chamadas de “estratégias de defesa” (MENDES, 2007).

3.4 As estratégias de defesa contra o sofrimento

Para Mendes (2007), os embaraços e a exposição aos riscos e às circunstâncias do sofrimento fazem com que o indivíduo desenvolva estratégias de mediação do sofrimento, caracterizadas pela engenhosidade, para poder suportar as adversidades da atividade laboral, minimizando, assim, o sofrimento e evitando o adoecimento. A utilização de estratégias de defesa capacita o trabalhador a enfrentar o sofrimento, favorecendo o equilíbrio psíquico (MORRONE, 2001).

De acordo com Lancman e Uchida (2003), a teoria dejouriana revelou a importante constatação de que os trabalhadores desenvolvem mecanismos de defesa individuais e coletivos visando ao enfrentamento do sofrimento e dos constrangimentos vinculados à atividade laboral.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) enfatizam que o sofrimento originado da dificuldade de negociação do trabalhador com a organização pode ser experimentado pela elaboração de estratégias de defesa, o que tornará possível a sua minimização ou quando o trabalhador dá um novo significado ao sofrimento e dessa forma, transforma-o em prazer.

Segundo Dejours (1988), as estratégias de defesa são mecanismos, na maior parte das vezes, inconscientes, individuais ou compartilhados por um grupo de trabalhadores. Para a continuação do trabalho, elas são necessárias, pois fazem com que o trabalhador se adapte às pressões, impedindo a loucura e cooperando para a estabilização subjetiva na relação com a organização do trabalho.

Nas estratégias individuais, aquilo que é ameaçador encontra-se interiorizado, não necessitando apresentar-se fisicamente para originar as ações defensivas. Entretanto, pouco impacta a organização do trabalho. No que diz respeito às estratégias coletivas, todavia, estas necessitam, para serem construídas e colocadas em prática, da existência de condições externas concretas (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Para Dejours (1993), as defesas podem ser caracterizadas como sendo de proteção, de adaptação e de exploração. Aquelas que se caracterizam por serem de proteção são os modos de pensar, sentir e agir por compensação usados pelos indivíduos para aguentar o sofrimento. Aquelas que se caracterizam como de defesas de adaptação e de exploração baseiam-se na negação do sofrimento e na submissão ao desejo da produção. As defesas de negação do sofrimento compreendem o sofrimento como sendo uma coisa natural e são externalizadas por ações de desconfiança, individualismo, isolamento e banalização, ocorrências que não são agradáveis na atividade laboral. Estas fazem com que o indivíduo se acomode ao sofrimento e são diferentes das estratégias coletivas, pois se relacionam com os mecanismos de defesa do ego que são interiorizados, persistindo mesmo com a ausência de uma ocorrência externa (CASTRO-SILVA, 2006).

De acordo com Mendes (2007), a submissão ao desejo da produção possibilita um esgotamento mais rápido, porque força o trabalhador a investir mais em termos físico e sociopsíquicos para além da sua vontade e capacidade. Neste caso, o trabalhador, aprisionado pelo desejo da produção, utiliza estratégias defensivas do ponto de vista da medição do sofrimento em detrimento da mobilização para mudança, o que torna mais favorável a exploração do trabalho em função da produção. Por algum tempo, essa estratégia resguarda o ego contra as consequências dolorosas, porém seu uso contínuo pode levar à alienação e ao fracasso (CASTRO-SILVA,2006).

Segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), a não reflexão sobre a atividade laboral possibilita o aumento ainda maior da fadiga e da paralisação do funcionamento psíquico do trabalhador. Dejours (1999) afirma que as estratégias de defesa podem exercer a função de uma armadilha, pois, a despeito de os trabalhadores experimentarem o sofrimento, eles não o reconhecem como tal. Para o autor, a função essencial da estratégia de defesa é trazer alívio ao sofrimento, mas sem o conhecimento da forma e do conteúdo desse sofrimento dificilmente o indivíduo conseguirá lutar eficazmente contra ele.

Alguns comportamentos defensivos dos trabalhadores, de modo geral, foram identificados por Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994). Não tomar iniciativa, remetendo as decisões sempre para os escalões superiores e limitar-se apenas ao necessário, foi o primeiro comportamento identificado pelos autores. Foi observada também a desconsideração pelo superior imediato não se dirigindo a ele, passando diretamente ao nível superior. Os autores identificaram também a atitude para o enfrentamento do sofrimento em silêncio, quando as defesas coletivas não são mais eficazes, o que é considerado a individualização extrema do sofrimento. Outro comportamento notado foi o de não cumprimentar os colegas, não se expondo, assim, a situações reais de conflito e também àquelas que poderiam vir a ser. E, finalmente, acusar de incompetência os outros grupos ou equipes.

A racionalização como estratégia de defesa é apontada por Mendes (2007) como uma forma de não se expor à angústia, à insegurança e ao medo no trabalho, procurando justificativas admitidas socialmente para ocorrências dolorosas e

aquelas que não são agradáveis e acelerando o ritmo de trabalho e de produtividade. Essa estratégia apresenta-se pela conformidade, pela apatia e pelo individualismo (MENDES; ABRAHÃO 1996; MENDES; MORRONE, 2002; FERREIRA; MENDES, 2003; BARROS; MENDES, 2003).

Outra maneira de lidar com o sofrimento é por meio da mobilização subjetiva, o que envolve a ressignificação do sofrimento, ao invés de negá-lo ou de minimizá-lo (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994). Dessa forma, o indivíduo não se aliena, mas busca apresentar um novo sentido ao seu sofrimento. O trabalhador passa a usar com frequência sua experiência prática e sua criatividade, transgredindo o que foi determinado pela organização. Segundo Castro-Silva (2006), quando o utiliza a estratégia de mobilização subjetiva, o trabalhador busca as vivências de prazer pela adaptação às pressões da organização, construindo formas especiais para a execução das tarefas que, apesar de estarem em desacordo com as normas oficiais, geram prazer na atividade laboral.

As estratégias de mobilização coletiva, são organizadas por consentimento do grupo e estão sujeitas às condições externas que fazem parte das relações intersubjetivas deste mesmo grupo, servindo para uni-lo para o enfrentamento do sofrimento originado pela pressão da organização laboral (CASTRO-SILVA, 2006). Porém, perdem sua funcionabilidade no instante em que um membro do grupo descumpra as regras acordadas (DEJOURS, ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Para Ferreira e Mendes (2003), as estratégias de mobilização coletiva possibilitam aos trabalhadores atuar por meio do espaço público de discussão e da cooperação, objetivando a eliminação do custo humano negativo da atividade laboral, dando novo significado ao sofrimento e transformando a organização em um lugar de prazer e bem-estar, bem como as condições de trabalho e relações sociais laborativas.

De acordo com Mendes (2007), as estratégias de mobilização coletiva são mais adequadas para conservar os trabalhadores próximos da saúde no trabalho, levando em consideração sua capacidade de transformar os contextos de trabalho.

Segundo Dejours (1988), uma relação ajustada entre a organização laboral e a estrutura mental do trabalhador pode tornar possível um prazer sublimatório, que é percebido apenas em atividades como a de profissionais liberais e artesãos, por meio das quais o indivíduo pode visualizar aquilo que foi produzido por ele e identifica-lo como um feito seu. Para o autor, o salário e outras questões materiais fazem com que o trabalhador sofra como os demais, porém o prazer pelo trabalho concede a ele uma defesa mais eficiente. Valeriano e Garcia (2007) observam que se a remuneração de, de um lado, não for satisfatória, em contrapartida, há outras fontes satisfatórias a serem levadas em consideração, tais como o relacionamento interpessoal, a satisfação por pertencer à organização, a possibilidade de ascensão profissional e o status do cargo.

A partir dessas referências, pode-se observar a existência das estratégias de defesa no ambiente de trabalho. Se acaso essas estratégias forem de caráter positivo, isso traz à tona uma característica multifacetária da relação do homem com o trabalho reorganizando e transformando o ambiente laboral (MARTINS, 2006).

3.5 O trabalho na construção civil

De acordo com Lamera e Uchoa (2000), a palavra que designa construção civil é aproveitada comumente para dar nome às várias atividades relacionadas à área de edificações, que compreende a construção civil de edifícios ou estruturas que representam residência, comércio e a indústrias, construídos por organizações de portes variados, da natureza pública ou privada.

Para Andrade (2004), a construção civil mostra várias particularidades, que incidem em uma disposição dinâmica e complexa. É considerada como originadora de empregos diretos e indiretos e fomentadora do consumo de produtos do que é considerado final e intermediário de outros setores econômicos.

Segundo Maia (2001), a construção civil é uma atividade produtiva descentralizada, porque está sempre mudando de lugar, e os produtos originados são únicos, o que

ocasiona o cumprimento de projetos específicos, com características técnicas diferentes para cada empreendimento a ser efetivado.

De acordo com Leal et al. (2000), a estruturação da construção civil observada do ponto de vista da indústria abrange algumas escalas hierárquicas. Em uma análise inicial, aparece o plano estratégico, formado pelos construtores, os quais que determinam e fixam os alvos a serem atingidos, ajudando o setor financeiro. O segundo plano, que é de nível intermediário, é constituído pelos engenheiros, que respondem pela interação entre o estratégico e o operacional e pelo direcionamento da produção. Em terceiro lugar, aparece o nível operacional, formado por mestres de obras, pedreiros, encarregados, eletricitas, carpinteiros, serventes e outros profissionais. Representa a parte responsável pelo cumprimento e competência das atividades cotidianas.

Para Gagliardi (2002), a construção civil tem concorrido em seu desempenho para uma considerável participação na economia de países em processo de industrialização. Representa um dos insumos fundamentais para a criação de empregos e para o estabelecimento de vínculos entre as mais variadas áreas da indústria produtora de elementos ou para o conjunto de elementos que entram na produção de bens ou serviços, equipamentos e serviços específicos aos subsetores.

Teixeira e Carvalho (2005) sustentam que a indústria da construção civil é considerada como uma atividade econômica de participação fundamental, por causa de sua dimensão e influência decisiva na economia do Brasil e por seu valor indireto e inferência no progresso.

Santos (2006) entende também desta forma, pois explica que a função da construção civil brasileira é fundamental não apenas para a formação de empregos, como também por aquilo que a própria atividade representa, pois estimula uma série de outros setores produtivos formadores de um conjunto de atividades ligadas à atividade industrial da construção, como os setores de Cimento, Metais, Cerâmica e Produtos Químicos.

Holanda (2007) e Carneiro (2010) corroboram esse pensamento ao sustentarem que a distinção interior da indústria da construção a diferencia das outras áreas industriais. A construção civil não somente aumenta os investimentos como também estimula uma série de atividades afins, sendo útil ao robustecimento do mercado interno, pelo fato de as matérias-primas e de o elemento, ou conjunto de elementos, que entra na produção de bens ou serviços serem obtidos aqui, sendo portanto, transformados em uma série de benefícios de grande valor inerente. Considera-se, ainda, que a série de elementos da atividade econômica que se originam da construção da civil concentram uma grande parte de trabalhadores, qualificados ou não, mas que geram e distribuem renda.

Uma compreensão mais apurada sobre a construção civil passa necessariamente pelo entendimento de como é elaborado o trabalho, de quais são os elementos que distinguem a atividade, de como é gerida a produção e de como são introduzidas as criações tecnológicas. Ou seja, é fundamental conhecer o canteiros de obras, que é o ambiente onde todo esse processo acontece.

Segundo Carneiro (2010), o canteiro de obras é o lugar que envolve ou está à volta da atividade da construção civil. Contempla, ainda, o significado de ser o instante e o lugar de maior complementação entre as partes preponderantes de uma série de elementos no contexto produtivo.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 1991) estabelece como canteiro de obras espaços diferentes à implementação e ao suporte dos trabalhos da indústria da construção, separando em áreas ligadas as operações e as de vivência. As áreas de vivência são aquelas que auxiliam no atendimento das necessidades do ser humano, tais como: alimentar-se, lazer, descanso e higiene. Este espaço, obrigatoriamente, ficará afastada das áreas onde se executam o trabalho.

Para Menezes e Serra (2003), o canteiro de obras se organiza de forma dinâmica e se acomoda facilmente, visando ao desenvolvimento das atividades que fazem parte das etapas da obra. Segundo os autores, os canteiros de obras são diferentes, pois se distinguem de acordo com os trabalhadores, as organizações, os materiais e o

conjunto de objetos ou instalações necessário à execução da obra. Nos canteiros de obras, a definição antecipada das ações torna mais fácil a fiscalização dos operários por parte da direção da organização responsável pela construção, relacionando, dessa forma, as funções próprias da hierarquia com as de cunho técnico ligada à produção (BENITE, 2004)

De acordo com Serra (2001), a composição de um canteiro de obras não é igual ao de outro, pois cada um se apresenta conforme a sua organização, porquanto há diversidade na forma como são transportados o conjunto dos objetos empregados na obra e os trabalhadores, modelos de equipamentos e o lugar onde estão acomodados e outras características. A ordem de execução é outro diferencial, pois diversifica-se conforme o que foi definido anteriormente, facultando a existência de outras frentes de trabalho executadas simultaneamente.

Segundo Faria (2010), o sistema, ou processo, de trabalho é definido como o resultado da união das operações executadas pelos indivíduos, que trabalham, individualmente ou em grupo, de maneira organizada, tendo como tarefa a produção de mercadoria.

De acordo com Dul e Weerdmeester (2001), no sistema da construção civil prepondera uma produção embasada no trabalho manual, na qual uma parcela importante do controle do processo laborativo conserva-se com o trabalhador em seu espaço físico de trabalho.

Para Gomes (2007), examinando atentamente o conjunto de forças que visam ao desenvolvimento ou ao progresso da produção no canteiro de obras, resguarda-se que a capacidade e a habilidade manual do trabalhador são elementos principais do processo. O agrupamento de atividades realizadas pela ocupação manual faz parte do principal impulso do sistema produtivo, ainda que em lugares onde o progresso tecnológico tenha obtido maior eficácia, determinado por uma intensidade maior da produção.

Franco (2001) entende que os sistemas de trabalho na construção civil estão no mesmo sentido e estabelecidos com os procedimentos aplicados em sua produção e

equiparados à tecnologia que se acha no setor. Os sistemas podem ser ordenados como artesanal, tradicional e industrial.

Franco (2001) assinala que no sistema artesanal todas as etapas de produção estão amparados pelo artesão, que começa com a ideia de opção de matéria-prima e execução até ao desfecho da obra. No processo da construção tradicional é observado o fracionamento do trabalho, em que as atribuições que necessitam de tempo maior para a aprendizagem na ocupação artesanal eram divididas e repartidas entre diversos trabalhadores. Devido a muitas condições impostas, o chamado “trabalhador coletivo” ocupou o espaço do artesão, sendo supervisionado pelo mestre de obras. Já no processo industrial, objetiva-se terminar a descontinuidade existente entre a concepção do projeto e o gerenciamento da produção, procurando formas mais adequadas para guiar a etapa de montagem. Essas estratégias fundamentam a gestão de empreendimentos mais integrada, estabelecendo vínculo tradicionalmente inexistente entre o projeto e a execução.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta parte do trabalho, descrevem-se os procedimentos quanto à metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, envolvendo: teoria ou nomenclatura das classificações científicas quanto ao tipo de pesquisa, à abordagem, aos fins e aos meios; unidades de análise e sujeitos da pesquisa; meios para a coleta de dados; e técnica utilizada para o tratamento dos dados.

Segundo Marconi e Lakatos (2001), metodologia compreende o conjunto das atividades organizadas e concebidas racionalmente que, com maior garantia e praticidade, possibilitam a obtenção de conhecimentos válidos e reais. Delineia o caminho a ser seguido, revelando a existência de erros e ajudando o pesquisador em suas decisões.

4.1 Caracterização da pesquisa

Quanto a abordagem, a pesquisa adota a perspectiva qualitativa, que segundo Denzin e Lincoln (1994), aborda questões em seu ambiente natural, buscando dar sentido ou interpretar os fenômenos de acordo com o significado que as pessoas dão a ele.

Godoy (1995) corrobora com essa ideia ao afirmar que a pesquisa qualitativa objetiva o entendimento de determinado fenômeno social, tendo o ambiente natural como originador dos dados. A autora explica que este tipo de pesquisa favorece mais o contato direto e por mais tempo do pesquisador com o ambiente e o fenômeno que está sendo estudado.

Minayo (1996) define como método qualitativo aquele que é capaz de trazer em si a questão do significado e da intenção como elementos que fazem parte dos atos, das relações, e das estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu início quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

A abordagem qualitativa se distingue pela sua diversidade e flexibilidade, bem como pela sua capacidade de detalhar e aprofundar fatos, fenômenos sociais, conexões dinâmicas, objetivas ou não, além de valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões, objetos, sujeitos e grupos (GODOY, 1995; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZANJDER, 1999; OLIVEIRA, 2007; FLICK, 2009).

A pesquisa qualitativa compreende uma série de práticas de interpretação, consistindo em várias representações, alterando o mundo e inserindo notas de campo, anotações pessoais, conversas, gravações e fotografias. Abrange um posicionamento interpretativo perante o mundo. Os pesquisadores deste universo analisam os fatos inseridos em suas conjunturas naturais, procurando compreender e explicar os fenômenos de acordo com os sentidos que os indivíduos atribuem a eles (FLICK, 2009).

Geralmente, a pesquisa qualitativa exige mais tempo, e maior dedicação do pesquisador, em razão da exigência da coleta de dados e de os métodos de análise possuírem uma padronização reduzida, requerendo maiores cuidados, por causa do grau de incerteza originado do elevado volume informacional, que, obrigatoriamente, necessita ser processado (MILES; HUBERMAN, 1984).

Quanto aos fins, a pesquisa é descritiva, que, de acordo com Thomas, Jack e Silverman (2007) procura a solução de problemas que melhorem as práticas por meio das observações, descrições e análise, cujos dados são obtidos mediante a realização de entrevistas.

De acordo com Babbie (1989), nas pesquisas cujo caráter é descritivo o pesquisador observa e, posteriormente, descreve o que foi observado, narrando as características do fenômeno em estudo.

Quanto aos meios, esta pesquisa adota o estudo de caso, para identificar as vivências de prazer e sofrimento, bem como as estratégias de defesa, com o objetivo de enfrentar as situações que geram sofrimento e transforma-las em situações que minimizam o sofrimento ou até mesmo, gerando prazer, utilizada pelos trabalhadores da construção civil que se qualificam profissionalmente em uma escola federal.

Triviños (1987) afirma que o estudo de caso se refere a uma forma de pesquisa em que o objeto é uma unidade que se analisa profundamente.

Como um fator limitador do estudo de caso, Gil (1999) explica que esta opção não facilita a generalização. Assim, o resultado não poderá ser ampliado para outros casos, mas poderá ser analisado como exemplo.

4.2 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa

A unidade de análise desta pesquisa se refere o trabalho da construção civil. Por questão de estratégia metodológica, optou-se por pesquisar em um mesmo ambiente trabalhadores de diferentes contextos laborais da construção, pertencentes ao nível operacional, que segundo Leal et al. (2000) é constituído pelo mestre de obras, encarregados, pedreiros, eletricitas, carpinteiros, serventes e outros. Neste caso, o Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia (Progest), foi escolhido, por reunir profissionais da construção civil oriundos de várias organizações laborais, uma vez que o objetivo do Progest é produzir pesquisa no âmbito da engenharia, da gestão da produção e do trabalho, possibilitando a troca de conhecimento entre os trabalhadores da construção civil e estudantes de Engenharia da Produção Civil, levando até aos trabalhadores os conhecimentos relacionados à gestão da produção e a sua qualidade e também a sua importância para os trabalhos de canteiros de obras.

Nível operacional – constituído pelo mestre de obras, encarregados, pedreiros, eletricitas, carpinteiros, serventes e outros, configura a força de trabalho propriamente dita, que é encarregada da execução e eficiência das tarefas do dia a dia.

No entendimento de Collis e Hussey (2005), a unidade de análise diz respeito aos fenômenos em estudo, bem como o problema de pesquisa sobre os quais são coletados e analisados os dados.

A definição de unidade de análise, segundo Yin (2001), fica na dependência do enfoque dado ao estudo e do modo como o pesquisador define as questões de pesquisa.

Vergara (2006) faz menção aos sujeitos da pesquisa como aqueles que darão ao pesquisador informações que dizem respeito à pesquisa. Neste caso, são 7 pedreiros, 1 servente, 1 gesseiro, 2 técnicos de segurança do trabalho, 1 encarregado de obra, 1 encarregado de acabamento, 1 fiscal de obra, 1 eletromecânico, os atuam em canteiros de obras de empresas privadas ou estatais como trabalhadores registrados ou contratados como autônomos. Para resguardar o sigilo quanto à autoria dos dados colhidos, os sujeitos desta pesquisa são denominados pela letra E. Sendo E1 o primeiro entrevistado, E2 o segundo, e assim sucessivamente.

O perfil dos entrevistados encontra-se no Quadro 3.

Quadro 3 Perfil dos profissionais entrevistados

| Profissional | Sexo | Idade | Ocupação | Tempo de profissão | Escolaridade |
|---------------------|-------------|--------------|------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|
| E1 | Masculino | 44 anos | Técnico Eletromecânico | 3 anos | <u>Ensino médio completo</u> |
| E2 | Masculino | 39 anos | Encarregado de acabamento | 21 anos | <u>Ensino médio completo</u> |
| E3 | Masculino | 59 anos | Encarregado de obra | 15 anos | <u>Ensino médio incompleto</u> |
| E4 | Masculino | 62 anos | Fiscal de obra | 14 anos | <u>Ensino Fundamental completo</u> |
| E5 | Masculino | 48 anos | Gesseiro | 12 anos | <u>Ensino médio completo</u> |
| E6 | Masculino | 26 anos | Pedreiro | 10 anos | <u>Ensino médio completo</u> |
| E7 | Masculino | 38 anos | Pedreiro | 5 anos | <u>Ensino médio completo</u> |
| E8 | Masculino | 35 anos | Pedreiro | 20 anos | <u>Ensino fundamental incompleto</u> |

| | | | | | |
|-----|-----------|---------|----------------------------------|----------|--------------------------------------|
| | | | | | |
| E9 | Masculino | 57 anos | Pedreiro | 28 anos | <u>Ensino fundamental incompleto</u> |
| E10 | Masculino | 29 anos | Pedreiro | 11 anos | <u>Ensino médio incompleto</u> |
| E11 | Masculino | 35 anos | Pedreiro | 15 anos | <u>Ensino médio completo</u> |
| E12 | Masculino | 49 anos | Pedreiro | 30 anos | <u>Ensino fundamental completo</u> |
| E13 | Masculino | 26 anos | Servente | 11 meses | <u>Ensino médio completo</u> |
| E14 | Masculino | 40 anos | Técnico de segurança do trabalho | 10 anos | <u>Ensino médio completo</u> |
| E15 | Masculino | 40 anos | Técnico de segurança do trabalho | 8 anos | <u>Ensino médio completo</u> |

Fonte: Dados da pesquisa

Para a escolha destes profissionais como sujeitos desta pesquisa, considerou-se a inserção deles no canteiro de obra, ou seja, na dinâmica da atividade laboral que os coloca expostos ao prazer, ao sofrimento e aos riscos de adoecimento.

Tomasi (1999), no que tange às atividades praticadas no canteiro de obras, afirma que elas são arriscadas, insalubres e exigem operários jovens, que tenham força e empenho não apenas para lidar com essas condições como também para obter os conhecimentos essenciais a sua execução, que é tradicionalmente obtida pela prática do conhecimento transmitida no canteiro de obras, ou seja, aquela transmitida de pai para filho, que é insuficiente para se adequar ao desenvolvimento tecnológico do setor.

4.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi feita em dois momentos. No primeiro, realizou-se uma entrevista com os trabalhadores da construção civil, utilizando roteiro semiestruturado, com o objetivo de responder o problema de pesquisa.

De acordo com Triviños (1987) a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que o pesquisador pode usar para determinados tipos de pesquisa qualitativa.

Segundo Godoy (2006), este tipo de entrevista objetiva compreender os significados que aqueles que estão sendo entrevistados têm sobre o assunto e as ocorrências que são de interesse da pesquisa.

Para Negrine (1999), a entrevista semiestruturada tem por objetivo garantir determinadas informações importantes ao estudo, bem como permitir maior flexibilidade à entrevista, concedendo mais liberdade ao entrevistado.

No segundo momento, a entrevista foi transcrita de maneira a proporcionar maior controle dos dados fornecidos, e se estruturou com questões que investigam dados demográficos que compõem questões que identificam: gênero, idade, formação e tempo de atuação na profissão. Contou, ainda, com perguntas direcionadas à obtenção de informação sobre as vivências de prazer e sofrimento no exercício da profissão. A escolha dos entrevistados se pautou pela atuação no canteiro de obras, ou seja, se a função do entrevistado no canteiro de obras correspondia ao nível operacional.

4.4 Análise dos dados

Os dados foram analisados em conformidade com os objetivos específicos da pesquisa.

De acordo com Bardin (2004), a análise do conteúdo diz respeito ao conjunto de técnicas que possibilitam a análise das comunicações, obtendo a descrição do que está no conteúdo das mensagens, por meio de procedimentos objetivos, permitindo

a dedução de conhecimentos que dizem respeito às condições de produção /recepção dessas mensagens. Ou seja, a análise de conteúdo é uma narração objetiva e sistemática das comunicações que objetiva a interpretação dessa comunicação.

Esta técnica de tratamento de dados, segundo Bardin (2004) apresenta três categorias de métodos em análise de conteúdo: a) análise temática, aquela que procura trazer à luz as representações sociais ou o entendimento dos locutores, tomando-se por base o exame de determinados elementos que fazem parte do discurso; b) análise formal, aquela que se desenvolve apoiada em formas e no encadeamento do discurso, como a forma de comunicação, o vocabulário empregado pelo locutor e o tamanho das frases; e c) a análise estrutural, aquela que procura trazer à tona as características que não estão explícitas na mensagem. No caso deste estudo, optou-se pela análise temática.

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), simultaneamente à coleta dos dados, o pesquisador relaciona os temas identificados, objetivando construir novas interpretações, gerar outras questões e aperfeiçoar as questões anteriores.

Vergara (2005) afirma que o tratamento dos dados de forma qualitativa traz o entendimento de que eles devem ser codificados, apresentando-os de forma estruturada para a análise.

No entendimento de Bauer (2000), os procedimentos de análise de conteúdo reconstróem representações na forma sintática e semântica. Na forma sintática, focalizam-se os signos e suas inter-relações, nos meios pelas quais explicitam as expressões e a fluência. Na análise semântica, focaliza o que é dito no texto, a temática e os valores, com centralidade entre os signos e o seu significado.

Nesta pesquisa, utilizaram-se a análise sintática e semântica, levando-se em consideração que elas se relacionam ao sentido do trabalho quanto às vivências de prazer e sofrimento e aos danos do trabalho no que se refere ao físico, ao psicológico e ao social, bem como às estratégias de enfrentamento ao sofrimento. Os dados foram submetidos à análise dos núcleos de sentido (ANS), técnica

adaptada a partir da análise por categoria, desenvolvida por Bardin (2004). A ANS baseia-se nos desdobramentos do texto em núcleos de sentido, que é formado a partir das inquirições dos temas ou proposições psicológicas que sobressaem o discurso, cujo objetivo é agrupar o conteúdo implícito ou latente, o qual está manifestado no texto. Segundo Ferreira e Mendes (2007), deve-se levar em consideração nesta interpretação a rede de significados revelados no conteúdo dos núcleos.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se a análise e a discussão dos resultados da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise dos núcleos de sentido (ANS), que, pela sua caracterização, permite elucidar os aspectos reais e simbólicos do processo de inteiração do indivíduo com sua realidade laboral (FERREIRA; MENDES, 2007).

A análise foi estabelecida em duas fases:

Na primeira fase, foram definidas as categorias principais que dizem respeito ao contexto de trabalho (escolha da construção civil como profissão), ao sentido do trabalho (vivências de prazer e sofrimento) e às estratégias de enfrentamento ao sofrimento no trabalho. Essas definições foram estabelecidas com base na análise dedutiva.

Na segunda fase, com base na análise indutiva, foram identificados os sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho e as estratégias de defesa para o enfrentamento do sofrimento. As categorias de análises foram descritas de acordo com o Quadro 4, no qual são apresentadas as categorias e subcategorias de análise e sua correspondência aos núcleos de sentido originados das falas dos entrevistados, os quais foram submetidos às categorias e subcategorias, atendendo aos objetivos da pesquisa

Quadro 4 Categorias, subcategorias e núcleo de sentido analisado

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS | NÚCLEO DE SENTIDO |
|-----------------------|-------------------------|--|
| Contexto de Trabalho | Escolha da profissão | “É o que eu faço desde pequeno. Faço por amor mesmo”. |
| Sentidos do Trabalho | Vivências de prazer | “Eu tenho prazer de entregar a obra pronta e ter o reconhecimento do patrão. Eu sinto muito orgulho do que fiz”. |
| | Vivências de sofrimento | “Eu sinto muita pressão. Eu trabalho na produção. Eu tenho que produzir. Eu tenho que dar resultado”. |
| Estratégias de defesa | | “Pressão existe. Só que a gente tem que se adequar a pressão. Pressão é pra quem tem cronograma”. |

Fonte: dados da pesquisa

5.1 O Contexto de trabalho a razão da escolha da profissão

Na categoria inicial, “Contexto do trabalho”, os trabalhadores comentaram as próprias percepções em relação à atividade laboral quanto à importância dela em relação à sua sobrevivência; e à aceitação social, na medida em que é reconhecido como alguém que produz algo que é necessário para o desenvolvimento da sociedade, ou seja, o seu sentimento de estar sendo útil ao grupo social e também no significado do trabalho como meio de realização dos seus ideais. Portanto, a atividade laboral é entendida pelos entrevistados como sendo um meio de integração deles no meio em que vivem, pois a sua capacidade laborativa passa a fazer parte do bem comum e ele se sente importante e valorizado por estar exercendo a profissão. A atividade laboral lhes confere dignidade. Além disso, os trabalhadores relataram também como se deu o ingresso deles na profissão, ficando claro que as formas como foram introduzidos na área da construção civil e as motivações foram variadas.

O entrevistado E1 demonstra que a escolha pela construção civil foi por uma necessidade de ingressar em uma nova atividade laboral, ficando claro que a ocupação inicial dele não era essa. Mas foi enfático ao dizer que entende o trabalho

como sendo indispensável para o sustento da família e que é por meio do trabalho que o homem confere um significado maior a sua existência. Esta opinião do entrevistado é constatada quando ele faz menção ao trabalho como propiciador do “algo mais ao ser humano”. Assim, a atividade laboral faz parte da sua estrutura mental.

Eu escolhi a construção civil pela necessidade de mudança de ... de... novos ares pra crescimento profissional diferente, em uma área que eu não conhecia, né... Eu sou o sustento da minha família. Eu trabalho em prol da minha família. Mesmo se não precisasse trabalhar, eu continuaria a trabalhar e criaria uma empresa para trabalhar mais ainda. Desde que em entendo por gente, somente o trabalho pode fornecer algo mais ao ser humano. Se você não trabalhar você, não tem algo a mais. (E1)

Quando o entrevistado relatou que sentiu a necessidade de “mudança, de novos ares” isso está de acordo com os estudos de Tamayo e Trocolli (2002), os quais afirmam que por meio do trabalho o ser humano pode expressar-se, afirmar-se, psicológica e socialmente, realizando seus ideais e participando no desenvolvimento da sociedade.

A parte do comentário do entrevistado em que ele diz ser o sustento da sua família e que trabalhava em prol da família relaciona-se com os estudos de Marcuse (1969) na parte em que a sociedade concebe o trabalho como fonte essencial para a sobrevivência, por meio do qual lhe oferece a oportunidade de transformar e de ser transformado. Assim, o trabalho é indispensável para qualquer indivíduo, pois ordena o próprio estado de sobrevivência e inserção social da pessoa, constituindo um elemento de harmonização e progresso humano, já que ele estrutura o indivíduo do ponto de vista tanto mental quanto físico.

No relato de E2,E6,E8 e E14, a opção pela profissão se deu por uma questão de influência familiar ou de amigos. Ou seja, as relações familiares e sociais aparecem como influenciadores do processo de escolha profissional. A exposição dos relatos dos entrevistados E2,E6 e E8 dá conta de uma forma comum de inserção na atividade da construção civil, que é a influência familiar. Esses entrevistados relataram que o pai os introduziu no ambiente laboral ainda com pouca idade, como uma incumbência a ser cumprida, mas que, com o passar do tempo, se identificaram com a atividade e revelaram amor pela profissão, no caso dos entrevistados E2 e

E8. O entrevistado E14 relata que a sua escolha profissional se deveu à influência de amigos e apresenta o trabalho como um elemento essencial na vida do ser humano.

Ah... é o que eu faço desde pequeno, com meu pai. Faço por amor mesmo e gosto. Eu gosto da minha área. Mesmo que não precisasse trabalhar, mesmo assim continuaria na obra. Com certeza, eu tenho amor pelo que faço. Gosto mesmo. (E2)

Trabalho em obra, na verdade, desde criança com meu pai. Aí, trabalhei até uns 17 anos. Aí, eu parei. Fiquei uns cinco anos sem trabalhar na obra. Voltei agora uns três anos de novo. No começo, foi meio que natural, mais depois eu voltei a trabalhar em obra. Depois desse tempo, fiquei afastado. Hoje em dia, a condição financeira de obra melhorou bastante, né. Mas o fator financeiro, se não precisasse trabalhar, continuaria. Eu num gosto de ficar em casa à toa. Num dá pra mim não. (E6)

Herdei do meu pai. No começo eu não gostava, não. Eu não interessava pela área, não. Depois, fui me adaptando e me interessando com o tempo. Se não precisasse trabalhar, continuaria assim mesmo, porque nasci pra isso. ,Eu me sinto bem lá. (E8)

Na verdade, eu fui meio que direcionado pelos meus amigos que trabalhavam na construção civil. Aí, eu segui o mesmo caminho. Na verdade, foi até tranquilo, apesar de ter sido indicado. Se caso eu não precisasse trabalhar, trabalharia... trabalharia normal. Não é nem questão de trabalho enobrece o homem. O homem nasceu para trabalhar, independente se é na fábrica, na construção civil. O homem nasceu para trabalhar. Evoluir como se você não trabalhar? A evolução é o processo do trabalho. (E14)

Os relatos dos entrevistados no que diz respeito a sua inserção no trabalho na construção civil sendo feita pelo pai é o caso da profissão que vai passando de pai para filho. Os entrevistados confirmam os estudos de Tomasi (1999) no que tange às atividades praticadas no canteiro de obras quando o autor afirma que os conhecimentos essenciais para sua execução são obtidos com base prática e, tradicionalmente, são aquelas que foram transmitidas de pai para filho.

Nos relatos de E3, E4, E7, E9, E12 e E13, evidencia-se que o ingresso na construção civil não foi a primeira profissão. E4, E7, E9, E12 e E13 vieram de outras áreas profissionais e, por questões de retração econômica da sua primeira atividade profissional optaram pela construção civil, devido ao bom momento econômico pelo qual passa essa atividade, o que vai ao encontro das observações de Gagliardi (2002) quando menciona que construção civil tem concorrido em seu desempenho para uma considerável participação na economia de países em

processo de industrialização, representando um dos insumos fundamentais para a criação de empregos.

Mas, o que chama a atenção é que, mesmo ficando claro que a opção pelo trabalho na construção civil se deu pelo fato de essa atividade estar mais bem colocada economicamente, pois o reflexo direto desse fato é o recebimento de um melhor salário por parte desse trabalhador, ficou exposto com clareza que não é somente a questão financeira, que diz respeito à busca pela atividade laboral, ainda que no primeiro momento a questão financeira apareça na fala de alguns entrevistados de forma bastante contundente.

Porém, ao continuar o relato, percebeu-se que os indivíduos necessitam do envolvimento com a atividade laboral quando afirmam que, mesmo se não precisassem trabalhar, fazendo alusão à questão financeira, mesmo assim gostariam de continuar trabalhando, por considerarem o trabalho como elemento de integração e bem-estar com a vida.

Nota-se que os trabalhadores valorizam ter uma ocupação; ou seja é importante para eles conservarem o sentimento de estarem sendo uteis.

Esses relatos estão em conformidade com as afirmações de Santos, Novo e Tavares (2010), que em seus estudos mostraram que o significado do trabalho é um fator elementar da inteiração, com determinados grupos representando uma atribuição psíquica, fundamentando, assim, a formação do sujeito e de sua gama de significados, portanto, ultrapassando a gratificação financeira.

A atividade laboral foi vista como aquela que dá sentido à vida e outros aspectos, como as relações humanas no trabalho, assumem importante papel, como aparece no relato de E3.

Eu fui comprador de material de construção. Fui convidado por um proprietário de uma construtora para tomar conta de uma obra. Aceitei pelo tipo de serviço, pelo tipo de pessoa que trabalha na construção civil. É a minha situação no momento. Eu não preciso trabalhar, mas eu trabalho em construção civil. Pelo que já disse no início, eu gosto muito dessa atividade com pessoas menos favorecidas. Adoro esse tipo de gente. (E3)

Bom, eu trabalho na área de geologia. Só que tem que nós tivemos uma dificuldade na área de geologia, certo, questão mundial. E, aí optei por dedicar mais à construção civil e manter as duas profissões. Mesmo não precisando trabalhar, gostaria de continuar, sim, mas não como funcionário, com o próprio negócio. (E4)

Eu formei em técnico de contabilidade. Fiquei doze anos trabalhando em escritório como auxiliar. Aí como aqueceu o mercado, resolvi sair do escritório e pegar a área. Se não precisasse trabalhar, continuaria, porque eu acho que todo homem precisa de uma atividade para se sentir bem na vida. (E7)

Eu optei pela construção civil, devido essa atividade econômica estar melhor e por não ter outra opção no momento. Ah, foi a partir desta época que eu saí de metalúrgica, do serviço de metalúrgica, e ingressei na construção civil, e daí, por tomar gosto pelo serviço e gostar de fazer o serviço de pedreiro, eu comecei querer a aprender o serviço de pedreiro e acabei por aprender, e lá tô até hoje. (E9).

Optei pela construção civil por causa do salário. Se não precisasse trabalhar, continuaria sim, mas de pedreiro, não; partiria para outra coisa. Já tá dando pra cansar. Já não é o mesmo batido, não. É mais físico... pedreiro nunca larga a profissão, não... pedreiro morre na construção. Se você for pedreiro, uma vez nunca mais você deixa de ser pedreiro, você vai trabalhar em várias coisas mas sempre vai voltar a ter a sua colherzinha, seu prumo, seu nível, seu metro. A vida de pedreiro é prumo, metro e nível. Serviço de pedreiro não é para qualquer um, não. Os outros serviços, a pessoa faz até obrigado. Ninguém vira pedreiro obrigado, não; só mesmo pra quem gosta, porque o serviço de pedreiro é braçal. (E12)

Porque antigamente eu atuava no ramo de vendas. Aí, eu ingressei na construção civil. Ingressei na construção civil sem saber nada. Então, aprendi de tudo um pouco. Caso não precisasse trabalhar continuaria, mas não com tanto superiores em cima de mim [risos]. Se eu não precisasse trabalhar, seria por um motivo, porque a minha vida já estaria bem estável. Mas a vida ficaria sem sentido. (E13)

Outra forma de se optar pela profissão prende-se à facilidade de se ingressar nesta área. E10, E11e E5 relataram que a opção pela profissão da construção civil se deveu ao fato de considerarem que o trabalho que iriam exercer era de fácil aprendizado. Observa-se que na construção civil para o exercício de atividades profissionais mais elementares não há a exigência de formação acadêmica ou de qualificação profissional, facilitando o ingresso de trabalhadores ainda que desqualificados. Observa-se também um alto apreço que os trabalhadores demonstraram pela atividade, que foi sendo adquirida com o passar do tempo, apresentando uma boa adaptação e identificação com a da atividade laboral.

Ah, foi porque achei a mais fácil pra mim. Ah, foi rápido no desenvolver. Tentei de servente, né, só que fui desenvolvendo. Hoje sou pedreiro. Se não precisasse trabalhar ah... olha, acho que continuaria mesmo sem precisar, porque é um serviço pesado mais, apesar de tudo eu gosto de fazer. (E10).

Bom, a princípio porque era a opção. Sô do interior e tal... Não tinha nenhum conhecimento da atividade que exerceria na obra e depois fui interessando, gostando... Ah, comecei a trabalhar como servente particular. No caso, e aprendi com esse próprio pedreiro que me deu oportunidade e passei a trabalhar de pedreiro.(E11)

Por ser fácil aprender. No início, eu não tinha conhecimento do trabalho. Comecei como ajudante e busquei aprender no decorrer do trabalho. (E5)

Estes dados encontram-se coerentes com os estudos de Silva (2008), que afirma que o setor da construção civil se destaca como atividade laboral intensiva em mão de obra, empregando muitos trabalhadores de baixa qualificação, que atendem às camadas com menos instrução e mais carentes da sociedade.

Com o propósito de oferecer uma melhor visualização dos resultados da categoria “Contexto do trabalho”, apresenta-se, no Quadro 5, o resumo desta parte da análise dos dados.

Quadro 5 Análise dos dados da categoria Contexto do trabalho

| CATEGORIA | SUBCATEGORIAS | IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO | Nº DE CASOS |
|----------------------|---|-------------------------------|-------------|
| Contexto do Trabalho | Escolha da profissão | | |
| | Busca por uma nova experiência profissional | E1, E3 | 2 |
| | Influência familiar ou de amigos | E2,E6,E8, E14 | 4 |
| | Razões econômicas | E4, E7, E9, E12 E13 | 5 |
| | Facilidade do ingresso na profissão. | E5, E10, E11 | 3 |

Fonte: dados da pesquisa

5.2 A vivência de prazer no trabalho

Os relatos de E1, E5, E11 demonstram que as vivências de prazer estão associadas à identificação a forma como os trabalhadores são reconhecidos e valorizados por seu trabalho e à maneira como se expressam livremente e se realizam profissionalmente. Os entrevistados relatam a sua identificação com a atividade laboral que exercem e com sua motivação relacionada ao trabalho, a realização profissional. Percebem-se com nitidez as expressões de apreço e o

prazer com a sua profissão. Nota-se que o prazer gerado pela conclusão da obra está relacionado a deixar algo que possa ser mensurado ou tangível para os outros. A satisfação gerada nas outras pessoas também é um elemento de satisfação para o trabalhador, o que pode ser observado na fala do entrevistado E11 quando menciona esse fato; ou seja o trabalhador ouvir do cliente que o serviço ficou bem feito, que ficou bonito. Isso é motivo de satisfação para ele.

O prazer que eu tenho é no início, você chegar lá e não ter nada, e aí você começar a fazer o desenho do que vai acontecer, o projeto, né, e depois de pronta a obra me sentir realizado, porque eu faço parte daquela construção. (E1).

Eu tenho prazer de entregar a obra pronta e o reconhecimento do patrão. Eu sinto muito orgulho do que fiz e tá feito. (E5)

Olha, o reconhecimento, você fazer um serviço e pessoa te falar assim: Ó, o serviço tá bem feito, né? Nó! Ficou bonito! Você olha a obra que você fez. Satisfação quando você faz um serviço e fica bem feito, fica do jeito que você queria e tem o reconhecimento do cliente. (E11).

Os relatos dos entrevistados são coerentes com os estudos de Mendes (1999), que afirma que o prazer é compreendido como elemento central na composição psíquica do indivíduo, uma vez que possibilita a fundamentação da identidade da pessoa a partir da relação em ser produtivo e o ambiente social. E, também, com Hernandes e Macedo (2008), que corroboram essa ideia ao afirmarem que o prazer no trabalho possibilita ao indivíduo a construção de uma identidade social que o diferencia dos demais, o torna importante e reconhecido nas relações de trabalho e também perante a sociedade.

As vivências de prazer também foram encontradas nos relatos de E4, e E8 ao dizerem que é uma satisfação experimentada quando o trabalho é bem feito e que a obra muda o ambiente para melhor. Deixam claro o prazer que sentem ao final da obra ao observarem que ficou bem feita e que foram capazes de realizar, criando, assim um vínculo com o trabalho executado.

O meu prazer no meu trabalho é uma obra bem executada de uma beleza, né; que traz uma paisagem diferenciada, certo? E por aí a fora. (E4)

Satisfação, dever cumprido, trabalho bem feito. E sempre que faço, eu sempre olho pra trás, me sinto satisfeito que eu fiz ele e ficou bom, ficou do jeito que eu queria que ficasse. (E8)

Esses relatos dizem respeito aos estudos de Tamayo (2004), em que o autor afirma que a atividade laboral se mostra como originadora de prazer e que indica saúde, na medida em que significa para o indivíduo a capacidade de realização e construção da sua identidade social e pessoal. Para o autor, o trabalho pode ser prazeroso, desde que as condições e o ambiente laboral sejam apropriados e que sejam compatíveis com as exigências e a capacidade do trabalhador.

Os entrevistados E1, E3, E9 e E13 relataram que suas vivências de prazer no trabalho estão relacionadas ao convívio com os colegas, com a camaradagem. Os trabalhadores comentaram que o bom relacionamento entre eles é muito importante para a produtividade na obra e que, se houver um comprometimento em relação às tarefas a serem executadas no canteiro de obras, o trabalho se torna mais leve. O relacionamento entre eles cria vínculos uns com os outros que ultrapassam os limites do canteiro de obras, sendo percebido quando se menciona que um colega pode se transferir para outra empresa, mas que a amizade cultivada no tempo em que trabalharam juntos será mantida. Também se observa que essas experiências de prazer não são individuais apenas, mas que foram vivenciadas ou compartilhadas com o grupo.

Na construção civil eu gosto é da união, da camaradagem. Chega um caminhão cheio de peça, é quatro horas da tarde, a gente vai embora às cinco horas... Todo mundo vai lá descarregar o caminhão, uê! Por que? Porque a gente vai embora daqui a uma hora. Se fosse dois a descarregar o caminhão, Todos teriam que esperar os outros dois, porque a gente bate cartão todo mundo junto. Então, chega essa hora, é como te falei, a união que me chama mais atenção. Em construção, tem que ter união. Se não tiver união de esforços, o resultado é negativo.(E1)

O meu prazer no trabalho é fazer aquilo que eu gosto: sair todos os dias... Eu chego sempre antes do horário do meu trabalho. Eu gosto do trabalho, eu tenho prazer de estar lá todos os dias. A convivência com pessoas humildes, com pessoas com poucas oportunidades na vida, e eu consigo lidar bem com esse tipo de gente. Depois de pronta a obra, é um sentimento muito gostoso, porque eu participei daquela construção ali, onde as pessoas estão morando. Uma sensação muito boa. (E3)

O meu maior prazer no meu trabalho é a convivência com os colegas e também do meu trabalho em si. (E9)

O meu prazer no trabalho é ser reconhecido pelo meu empenho, pela qualidade do serviço e pelos relacionamentos, pelas amizades. Você pode passar pela empresa que for, você vai manter sempre aquela amizade.(E13)

Essas vivências de prazer relatadas estão relacionadas aos estudos de Soto (2005), em que afirma que a busca pela satisfação no ambiente laboral é permanente, na qual o trabalhador procura participar de um grupo, ser aceito por ele, necessitar de amizade. Ou seja, necessita associar-se, interrelacionar-se, estar colaborando com seus colegas no ambiente de trabalho.

5.3 A vivência do sofrimento no trabalho

Como causa do sofrimento, E3,E4,E9 e E11 identificaram em seus relatos alguns dos comportamentos ou queixas relativas ao descontentamento com o tratamento de alguns superiores hierárquicos dispensados a eles, em questões tanto humanas quanto de relações profissionais, em que não há reconhecimento pelo trabalho bem feito. É percebido que em muitas situações os trabalhadores nem ao menos são considerados como seres humanos, que têm sentimentos e necessidades, mas sim como apenas unidades de produção, caracterizando, assim, relevante falta de reconhecimento por parte do engenheiro de que o trabalhador é, primeiramente, um ser humano.

O que eu não gosto na obra é a grosseria dos engenheiros com os empregados e a maneira como eles tratam as pessoas menos favorecidas. Isso me desagrada muito. (E3)

Essa questão aí... o que eu não gosto... o tratamento a funcionário, certo, por encarregado que não tem muita... não aquela... traquejo mesmo para trabalhar com ... imponência... a pessoa importante.(E4)

O que me causa sofrimento na obra é a falta de compreensão da chefia. A gente chega pra conversar com determinado chefe, ele olha pra gente com um olhar atravessado, ou não dá atenção ou sai conversando com a gente, ele na frente e a gente atrás é isso que causa mais indignação na gente, tirando isso nada mais. (E9)

O que não gosto na construção civil, particularmente da construção mesmo, é não valorizar funcionário, esse tipo de coisa. (E11).

Os relatos dos entrevistados estão de acordo com os estudos de Macedo e Guimarães (2003), que apontam que as vivências de sofrimento podem ocorrer por

meio de: comportamentos agressivos, falta de confiança, boatos, falta de ânimo, descontentamento, falta de reconhecimento dos méritos, experiência com injustiça, relações conturbadas entre os grupos de trabalho e atitudes individualistas entre os colegas.

As relações interpessoais conflituosas por comportamento inadequado e aquelas que geram disputa interna por melhores oportunidades no canteiro de obras também ficaram evidenciada nos relatos como sendo causa de sofrimento. E2 demonstrou revolta e julgou desrespeitosa a conduta de alguns colegas que faziam uso de bebidas alcoólicas no canteiro de obras, o que acarretava prejuízo à produtividade da equipe. E14 comentou que aqueles que estão em posição um pouco melhor querem galgar outra mais alta, o que ocasiona competição e embates entre alguns trabalhadores.

O que eu não gosto é a cachaçada que tem dentro da obra, falta de respeito, camarada que não tem compromisso. Pega o camarada para trabalhar, o cara com o talo cheio, te faz de bobo, Você marca o serviço para o cara, passa hora, o serviço está do mesmo jeito. Você é cobrado... isso estressa a gente... Tem hora que desanima a gente, mas a gente não pode abandonar o barco. (E2)

Tem conflito dentro da construção civil. O cara sabe que não pode fazer, mas faz. Tem aquela batalha do menor contra o maior, o maior querendo ascender mais um pouco, né... É um pisando no outro. (E14)

Esse relato encontra-se coerente com os estudos de Guedes (2004), que enfatiza que dentro das organizações cria-se um espaço adequado para embates nas relações interpessoais, devido às relações de poder, de sujeição e de competição, concebendo o medo, as incertezas, as angústias e o sofrimento.

Outras causas de sofrimento apontadas por alguns entrevistados foram o esforço físico e a pressão por resultados. Nota-se um sentimento de angústia, provocado pelo excesso de cobrança de produtividade. Alguns, além da pressão das chefias imediatas pelo resultado, ainda sofrem a pressão imposta pelas deficiências resultantes do envelhecimento. Dessa forma, os trabalhadores, fazendo parte deste contexto, sentem-se pressionados de todas as formas, o que gera grande angústia.

Eu sinto muita pressão no meu trabalho. Sinto mais pelos investidores que colocam dinheiro na empresa. Eles querem tudo pra ontem, e o mais barato possível, e exige muito, muito trabalho da gente.(E3)

Eu sinto muita pressão. Eu trabalho na produção, né... Eu tenho que produzir, eu tenho que dar resultado, né, pegar um serviço e entregar ele no menor prazo possível, porque eu trabalho correndo, trabalho na produção. Então eu tenho que soltar o serviço.(E8).

Esforço físico mesmo, porque, às vezes dependendo do que você está fazendo, tem muito esforço físico, que gera um estresse físico.(E10).

O meu sofrimento no meu trabalho é a velhice... Você deixa de aguentar... você saber fazer, você vê os outros fazendo errado, e como você não aguenta mais fazer, as suas vistas vão acabando, os braços vão ficando fracos, as pernas, a coluna, e aí você começa a ver a coisa errada, você sabe fazer e não podê mais fazer.(E12)

Os dados contidos nos extratos de entrevistas acima estão em conformidade com os estudos de Singer (1988), e Sousa (1999) que mostram o processo do trabalho na indústria da construção civil como sendo um trabalho por produção, com uma forma intensiva de exploração da atividade laboral, que leva à exaustão física e mental do trabalhador.

A discriminação social foi apontada pelos trabalhadores como vivência de sofrimento. O que mais se observou nos depoimentos como motivo da discriminação foi a falta de instrução ou qualificação profissional dos trabalhadores, os quais estão na construção civil por falta de opção. Foi um tema de difícil abordagem, por focar em questões relativas ao sentimento de vergonha. Porém, os relatos revelam que há discriminação no próprio canteiro de obra. Ou seja, um operário mais bem qualificado profissionalmente trata de forma diferente aquele que tem menos qualificação que ele é/ou que ocupa uma função menor hierarquicamente.

Já me senti discriminado, sim. Sempre tem alguém que faz as piadinhas, né, acha que a pessoa que trabalha em obra, porque trabalha em obra... tem aquele.. aquela coisa que todo mundo acha que quem trabalha em obra é ignorante, é burro.. é isso é aquilo. Tem esse preconceito. Muita gente tem. (E6).

Já me senti, isso é normal.. A gente convive com isso. É... já vem de muito tempo... no começo dos tempos lá... pedreiro, quem mexe com construção civil.(E8)

Se eu me senti discriminado? Ah.. já, já muito. A sociedade discrimina o trabalhador da construção civil porque é uma atividade que, geralmente, não exige muito estudo. De certas partes, a parte operacional não exige tanto estudo e qualificação. Geralmente tem muita gente fazendo serviço como pedreiro mas na verdade é ajudante isso vai gerando... queimando o filme um do outro.(E12)

Discriminação social é muita, porque ali na obra tem diferença de cor de roupa e de capacete. Quando eu entrei, o capacete era vermelho e a roupa era vermelha. Então a turma que me conhecia antigamente me discriminou pra caramba. Troquei de roupa, aí já foi outro tratamento... impressionante.(E13)

Os relatos dos entrevistados encontram-se de acordo com os estudos de Borges e Tamayo (2001), que descreveram o sentido atribuído pelos trabalhadores da construção civil ao próprio ofício como sendo aquele que abrange os fatores determinados por uso de força corporal e desumanização, e por isso sentirem-se discriminados, e tendo como resultado a vivência do sofrimento. Santos (2010) afirma que alguns trabalhadores que estão colocados em posição hierárquica superior no canteiro de obras, como encarregados e mestres de obras, costumam dispensar um tratamento humilhante e discriminante em relação aos que estão sob a sua orientação, chamando-os de “serventes incompetentes”.

Os perigos encontrados no exercício da atividade da construção civil foram apontados pelos entrevistados, que mostraram que têm consciência de que determinadas atividades no canteiro de obras oferecem muitos riscos e que é necessário ter atenção e cuidado para executá-las. Os relatos acentuaram que a atenção à realização do trabalho no canteiro de obras deve ser contínua, para que não haja acidente.

A construção civil é muito perigosa, na capacidade das pessoas, principalmente na capacidade técnica das pessoas. Costumam fazer coisas que não têm a menor ideia do que está sendo feito e isso compromete muito a parte estrutural de um prédio ou residência. Não tem noção do que está fazendo.(E3)

Sim, é perigosa. Construção civil tem muito trabalho em altura. É...trabaiando tem muita madeira. A chance de ter um acidente é grande,sim. (E6)

Muito perigosa. Tem que ter muito cuidado com tudo: acesso, andaime, com colega mesmo de trabalho e ferramenta. É, dependendo do jeito que vai

usar a ferramenta tem que ter muito cuidado, enxergar bem à frente. Porque é complicado.(E8)

Perigosa demais da conta. A inconveniência dos funcionários. muitas das vezes, a firma oferece igual no meu caso, lá onde eu trabalho), a firma oferece equipamentos, mais a inconveniência e por resistência ao técnico de segurança por achar que aquilo não tem problema, “Ah isso não vai acontecer e é so é rapidinho” e acaba que o rapidinho, às vezes, traz a morte do cara. (E9)

Bastante perigosa. Trabalhar em altura, trabalhar com partes elétricas, cê tem que ter um cuidado grande, porque é perigoso e o pessoal é muito relaxado. A autoestima da pessoa leva a pessoa a distrair com muitas coisas que acaba provocando vários acidentes, né? Então, tem que ter atenção rigorosa.(E11).

Os relatos a respeito das vivências de perigo na construção civil comprovam o que a teoria aponta sobre o tema. Ou seja, no processo ou sistema de execução de uma obra na construção civil, o sofrimento pode ser facilmente identificado, pois evidencia elevados riscos à condição física dos trabalhadores envolvidos, que é considerada uma das mais perigosas atividades laborais em todo o mundo, estando à frente na taxas de acidentes de trabalho, fatais ou não (RINGEN; SEEGAL; WEEKS, 2012).

Objetivando uma melhor visualização dos resultados da categoria “Sentido do trabalho”, apresenta-se no Quadro 6 o resumo desta parte da análise dos dados

Quadro 6 Resumo da análise dos dados da categoria sentido do trabalho

| CATEGORIA | SUBCATEGORIA | IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO | Nº DE CASOS |
|----------------------------|---|--------------------------------------|--------------------|
| | Vivências de prazer | | |
| Sentido do trabalho | Identificação com a atividade laboral, reconhecimento pelo trabalho bem feito e valorização do profissional | E1, E5, E11 | 3 |
| | Capacidade de realização de uma obra bem feita | E4, E8 | 2 |
| | Bom convívio com os colegas de trabalho | E1, E2, E9, E13 | 4 |
| | SUBCATEGORIA | IDENTIFICAÇÃO DO | Nº DE CASOS |
| | Vivências de Sofrimento | | |

| | | ENTREVISTADO | |
|--|---|-----------------|---|
| | Descontentamento com o tratamento dos superiores hierárquicos | E3,E4,E9,E11 | 4 |
| | Relacionamento conflituoso entre os colegas | E2,E14 | 2 |
| | Esforço físico em demasia e pressão por resultados | E3,E8,E10,E12 | 4 |
| | Discriminação social | E6,E8,E12,E13 | 4 |
| | Perigos na atividade laboral | E3,E6,E8,E9,E11 | 5 |

Fonte: dados da pesquisa

5.4 As estratégias de defesa

Nesta parte do trabalho, relata-se e analisa-se a categoria “Estratégia de defesa”.

Pode ser identificado nas colocações dos entrevistados o uso de estratégias de defesa que são utilizadas por eles no enfrentamento das vivências de sofrimento no trabalho, como forma de proteção. Os estudos de Morrone (2001) demonstram que para o trabalhador poder suportar as adversidades da atividade laboral, minimizando assim o sofrimento e evitando o adoecimento, a utilização de estratégias de defesa o capacita enfrentar o sofrimento favorecendo o equilíbrio psíquico.

O entrevistado E1, ao afirmar que nunca teve problemas no canteiro de obras, demonstra certa negação do sofrimento, colocando-se em uma posição superior. Ou seja, ele se julga inatingível pelas situações de conflitos interpessoais na obra. Posteriormente, coloca-se como um mediador de conflitos, procurando conciliar as partes envolvidas em algum desentendimento, evitando que o conflito acabe por trazer inimizades, desconfianças e desconforto nos relacionamentos, contaminando todo o grupo. Relata, também, que aceita fazer o que for mandado, ainda que fora da sua função, para manter a tranquilidade nas relações interpessoais no canteiros de obras. Ou seja, a estratégia de defesa foi identificada na figura do mediador de conflitos, do apaziguador dos ânimos exaltados, aquele que intervém como aquele que traz a consciência da importância da boa relação entre os colegas. Observa-se no relato o clima inamistoso, conflituoso, que causa sofrimento e desgaste para o

entrevistado, o qual reage como conciliador, no intuito de desfazer a situações de sofrimento.

Eu nunca tive problema, não, mas já presenciei vários problemas, vários conflitos entre funcionários. Eu sempre procuro conversar com o agressor e o agredido tento mostrar pra eles... A gente nunca tá com a razão. Sim já vi várias vezes. Eu sempre tive um papel conciliador. Como a minha função... eu sou eletromecânico.. mas eu faço de tudo. Se me pedirem pra buscar uma mercadoria, fazer compra eu vou. Eu sempre estou conciliando, sempre apontando... eu acho que se você exagerou na sua palavra, acho que você exagerou na sua atitude, arrependeu do que fez pede desculpa, vamos dialogar. Só com diálogo a gente constrói alguma coisa. (E1)

Agir como apaziguador em situações de conflito e dispondo-se para executar tarefas ainda que não sejam da sua função, procurando manter a tranquilidade no ambiente laboral, é uma das estratégias contra o sofrimento apontada nos estudos de Mendes (2007), no qual enfatiza que os embaraços e a exposição aos riscos e às circunstâncias do sofrimento fazem com que o indivíduo desenvolva estratégias de mediação do sofrimento, para poder suportar as adversidades da atividade laboral, minimizando o sofrimento e evitando o adoecimento. A utilização de estratégias de defesa capacita o trabalhador a enfrentar o sofrimento, favorecendo o equilíbrio psíquico (MORRONE, 2001).

Os entrevistados E1, E6 e E7, ao serem questionados sobre como se comportavam ante as situações de perigos, ou de risco na atividade laboral, apoiaram-se na resignação ou no senso do cumprimento da obrigação como forma de enfrentar os perigos. Nota-se que o medo é uma experiência vivenciada por alguns trabalhadores da construção civil. Consta-se que, apesar de sentir medo na execução de algumas tarefas, o trabalhador o enfrenta, dia a dia . O medo passa a ser um obstáculo a ser superado. Como a sua função requer que ele execute sua tarefa, não havendo formas de driblar, de negociar com a organização do trabalho ou, até mesmo, de deixar de realizar sua tarefa, o trabalhador se vê obrigado a transpor o obstáculo à sua frente, e ele o faz por meio de estratégias de defesa.

Pressão existe né, só que a gente tem que adequar a pressão ao cronograma de execução do serviço, e sempre fala assim: "Pressão é pra quem tem cronograma". (E1).

Muita gente tem medo de altura. Tem muita gente que vai, tem muita gente que fala que não vai, mas como é obrigado a ir, de uma certa forma, vai, né... (E6)

Quando tem que furar vala, descer dentro do tubulão, para furar tubulão, isso aí não agrada, não. Eu fico chateado. Só desço quando não tem outra pessoa mesmo pra fazer. Se tiver outro, eu empurro. Falo: “Não, manda fulano que isso não faço não”. Eu fico com medo da terra cair em cima. (E7).

Essa forma de enfrentamento foi identificada nos estudos de Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), que enfatizam que o sofrimento originado pela dificuldade de negociação do trabalhador com a organização pode ser experimentado por meio da elaboração de estratégias de defesa, que tornará possível sua minimização, ou quando o trabalhador dá um novo significado ao sofrimento e, desta forma, transforma-o em prazer. Assim sendo diante dos perigos da obra e não tendo como evita-lo por ser uma obrigação profissional, o trabalhador coloca para si mesmo que cumprir a tarefa é uma obrigação laboral, então o valor do cumprimento do dever, para ela é superior ao perigo, ressignificando assim o sofrimento.

E12, em seu relato, mostrou que está consciente das questões relativas à sua atividade laboral. Demonstra que, independentemente dos desafios que surjam, encontrará uma forma de enfrentá-los. O amor pela profissão aparece como elemento que o fortalece para o enfrentamento das dificuldades dando assim um novo significado ao sofrimento. O valor que a atividade laboral tem para o entrevistado demonstra o alto grau de identificação com o trabalho. Observa-se subjetividade do entrevistado em evidência.

O meu sofrimento no meu trabalho é a velhice. Você deixa de aguentar...Pedreiro nunca larga a profissão, não. Pedreiro morre na construção. Se você for pedreiro uma vez, nunca mais você deixa de ser pedreiro. Você vai trabalhar em várias coisas, mas sempre vai voltar a ter a sua colherzinha, seu prumo, seu nível, seu metro. A vida de pedreiro é prumo metro e nível. Ninguém vira pedreiro obrigado, não, só mesmo pra quem gosta.(E12).

O relato diz respeito à afirmação: Outra maneira de lidar com o sofrimento é por meio da mobilização subjetiva, o que envolve a ressignificação do sofrimento, ao invés de negá-lo ou minimizá-lo (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994).

E2 reconhece o sofrimento causado pelo cronograma apertado, mas, logo em seguida, usou a palavra “tranquilo”, demonstrando como equilibra o sofrimento decorrente da cobrança por resultado com o cumprimento da tarefa. Percebem-se, então, a negação do sofrimento e a submissão ao desejo da produção.

Quanto ao sofrimento, entre aspas, porque o cronograma é apertado pra caramba, a gente é muito cobrado, mas é tranquilo. A gente usa aquilo e resolve.(E2)

A exposição do relato se mostra coerente com os estudos de Dejours (1993) quando afirma que as defesas podem ser caracterizadas como sendo de proteção, de adaptação e de exploração. Aquelas que se caracterizam por serem de proteção são os modos de pensar, sentir e agir por compensação, usados pelos indivíduos para aguentar o sofrimento. Aquelas que se caracterizam como defesas de adaptação e de exploração baseiam-se na negação do sofrimento e na submissão ao desejo da produção.

E8 e E12, quando questionados sobre quais seriam os aborrecimentos deles na obra ou situações que causavam sofrimento a eles na atividade laboral, responderam que a negação do sofrimento ou a recusa em falar sobre o assunto como estratégia de defesa, o que o conduz a não refletir sobre as consequências da sua profissão na sua própria vida.

Não esquento muito com isso não. Isso aí eu deixo pra lá. Nada me aborrece, não. (E8)

É difícil falar do que você não gosta, porque você não pode mudar. Hoje, construção civil, pior coisa de construção civil é que ela é muito cara para os outros. Você vai executar um trabalho sabendo que há dificuldade da pessoa te pagar. Construção é cara no Brasil. (E12)

Essa estratégia de defesa foi encontrada em estudos de Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) que segundo os autores, não refletir sobre a atividade laboral possibilita o aumento ainda maior da fadiga e da paralisação do funcionamento psíquico do trabalhador.

Dejours (1999) afirma que as estratégias de defesa podem exercer a função de uma armadilha, pois, a despeito de os trabalhadores experimentarem o sofrimento, eles não o reconhecem como tal. Para autor, a principal função da estratégia de defesa é a de aliviar o sofrimento, porém sem o conhecimento da forma e do conteúdo desse sofrimento, dificulta o trabalhador lutar de forma eficiente contra o sofrimento. Ou seja, a falta do reconhecimento do sofrimento atenua os seus efeitos, mas diminui as possibilidades de se encontrar novas possibilidades de enfrentamento, impedindo a mobilização de forças no sentido de mudanças.

Para facilitar uma visualização dos resultados da categoria “Estratégia de defesa”, foram colocados no Quadro 7 os resultados encontrados.

Quadro 7 Categoria Estratégia de defesa

| CATEGORIA Estratégias de defesa | ESTRATÉGIAS | IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS | Nº DE CASOS |
|---------------------------------------|---|---------------------------------------|----------------|
| | Evitamento do conflito e assumir o papel de conciliador | E1 | 1 |
| | Resignação e senso do cumprimento das obrigações laborais | E1,E6 e E7 | 3 |
| | Amor pela atividade e ressignificação do sofrimento | E12 | 1 |
| | Negação do sofrimento e a submissão ao desejo da produção | E2 | 1 |
| | Não refletir sobre as consequências da atividade laboral | E8, E12 | 2 |

Fonte: dados da pesquisa

Em cada uma das estratégias de defesa o trabalhador procura diminuir os efeitos destrutivos do trabalho em sua saúde. Os indivíduos utilizam-se de sua inteligência prática para transformar as situações causadoras de sofrimento, percebendo-se que

a utilização do mecanismo de defesa, que se utiliza da própria experiência como proteção, (MARTINS 2006).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou como objetivo descrever e analisar as razões que conduziram esses trabalhadores a escolherem construção civil como atividade profissional, analisar as percepções de prazer, de sofrimento bem como as estratégias de defesa experimentadas por um grupo de trabalhadores da construção civil, à luz do referencial teórico apresentado.

Para estudar o tema e tornar viável a sua análise, o referencial teórico abordou os seguintes temas: a atividade laboral e o adoecimento psíquico; a Psicodinâmica do Trabalho; vivência de prazer e de sofrimento; as estratégias de defesa contra o sofrimento; e o trabalho na construção civil.

Foi realizado um estudo de caso, de caráter descritivo, utilizando a abordagem qualitativa. A unidade de análise foi definida como sendo a atividade laboral da construção civil. A unidade de observação e os sujeitos da pesquisa foram os trabalhadores da construção em fase de qualificação profissional em uma instituição de ensino federal.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada realizada com 15 trabalhadores oriundos de organizações laborais distintas.

O referencial teórico elucidado pela Psicodinâmica do Trabalho mostrou-se apropriado para o atendimento dos objetivos desta pesquisa. Os dados encontrados permitiram responder à pergunta de pesquisa, bem como aos objetivos propostos, possibilitando, assim, o entendimento da dimensão subjetiva dos trabalhadores pesquisados da construção civil.

Procedeu-se à descrição e análise das razões que conduziram esses trabalhadores a optarem pela construção civil como atividade profissional, ficando caracterizado que os indivíduos, em sua maioria, não escolheram a profissão por uma questão de um ideal profissional, mas porque sofreram influência familiar ou de amigos, ou se encontravam sem perspectiva profissional por desemprego ou por falta de

qualificação profissional para exercer outra atividade laboral. Alguns, desde a infância já estavam ambientados com a construção, por ser essa a profissão do pai ou familiares e logo cedo já foram introduzidos na profissão. Há ainda, os que exercem a profissão pelo fato de o momento econômico estar favorável a construção civil. Desta forma, ficou evidenciado que as formas e motivações como os trabalhadores ingressaram na área da construção civil foram variadas.

Realizou-se, também, a Identificação e análise das vivências de prazer no trabalho com base nas percepções dos trabalhadores pesquisados. Isso permitiu constatar que a atividade da construção civil proporciona prazer ao trabalhador quando este é reconhecido pelos superiores hierárquicos e clientes.

O prazer também é proporcionado pela boa convivência com os colegas de trabalho, pela camaradagem e união entre os colegas, e na realização de um trabalho que tenha ficado bem feito, o qual pode ser visto por outras pessoas, ou seja, uma marca de seu trabalho e o sentimento de uma certa perenidade.

Os trabalhadores demonstram que as vivências de prazer estão associadas à identificação, às formas como são reconhecidos e valorizados por seu trabalho e também, pela maneira como se expressam livremente e como se realizam profissionalmente. Observou-se, portanto, a existência da identificação deles com a atividade laboral que exercem, sendo isso percebido nas as expressões de apreço e de prazer pela profissão.

Também foram Identificadas e analisadas as vivências de sofrimento no trabalho segundo as percepções dos trabalhadores pesquisados. Ficaram evidenciadas que as causas de sofrimento foram as desavenças entre os colegas e a falta de compromisso de alguns com o trabalho e na forma grosseira como os superiores hierárquicos tratam os subordinados.

Observou-se que falta de reconhecimento organizacional pelo desempenho do trabalhador e pela falta de vigor físico necessário no desempenho da profissão, foram fatores que conduzem o trabalhador ao sofrimento.

A pressão por resultados no trabalho e a discriminação pelo fato da sociedade julgar o operário da construção civil como sendo ignorante, são outros fatores identificados como causadores de sofrimento.

Notou-se também que o sofrimento é vivenciado no enfrentamento dos perigos que a atividade da construção civil oferece bem como nas relações interpessoais conflituosas devido a comportamentos inadequados e aquelas que geram disputa interna por melhores oportunidades no canteiro de obras.

Finalmente, foram identificadas e analisadas as estratégias de defesa utilizadas pelos trabalhadores para enfrentar as situações que geram e sofrimento transformando-as em situações que geram prazer. Ficou evidenciado que os trabalhadores, diante dos sofrimentos, os enfrentam de forma diversa. Alguns utilizam as estratégias defensivas de negação; outros, de resignação, tendo a importância da atividade laboral como valor a ser guardado ou do objetivo a ser atingido; e outros demonstram ter consciência do sofrimento no trabalho, mas, ao mesmo tempo, constroem justificativas para negar as situações que não são agradáveis.

Observou-se também que diante de situações de conflitos interpessoais no canteiro de obras, uma estratégia de defesa utilizada pelo trabalhador foi o de colocar-se como um mediador de conflitos, procurando conciliar as partes envolvidas evitando que o conflito acabe por trazer inimizades, desconfianças e desconforto nos relacionamentos, contaminando assim todo o grupo.

Colocar-se à disposição aceitando fazer o que for mandado, ainda que fora da função, com o objetivo de manter a tranquilidade nas relações interpessoais no canteiro de obras, também é uma estratégia de defesa bem como a resignação ou no senso do cumprimento da obrigação como forma de enfrentamento das situações de perigos ou riscos na atividade laboral.

Os resultados da pesquisa mostram que os trabalhadores entendem a atividade laboral como sendo importante para a sua sobrevivência, por meio da qual se sentem aceitos socialmente, porque são reconhecidos como alguém que produz

algo que é necessário para o desenvolvimento da sociedade. Ou seja, guardam o sentimento de serem úteis ao grupo social. Portanto, a atividade laboral é entendida como sendo um meio de integração deles no meio em que vivem, pois a sua capacidade laborativa passa a fazer parte do bem comum, e eles se sentem importantes e valorizados, por estarem exercendo a profissão. A atividade laboral lhes confere dignidade.

No contexto acadêmico, a abordagem da Psicodinâmica do Trabalho mostrou ser de grande valor na investigação das vivências de prazer e sofrimento dos trabalhadores da construção civil e das formas como os indivíduos procuram garantir a sua saúde no ambiente de trabalho. Os resultados desta pesquisa podem acrescentar ao âmbito acadêmico, por trazer a confirmação dos aspectos da coexistência do prazer e do sofrimento no trabalho, apresentado na teoria, e, também, por contribuir para que outras pesquisas sejam realizadas, visando a ampliação ao aprofundamento do conhecimento a respeito do assunto.

No contexto institucional, o estudo chama a atenção para as questões ligadas ao sofrimento que devem ser levadas em consideração pelas organizações do trabalho da construção civil. Com base nos dados das entrevistas, conclui-se que as referidas organizações do trabalho devem rever sua conduta em relação aos trabalhadores com o objetivo de diminuir o sofrimento vivenciado por eles, cabendo, principalmente, uma mudança no tratamento que os superiores hierárquicos dispensam a seus subalternos. A pesquisa contém dados que permitem visualizar e fomentar uma discussão mais aprofundada sobre as causas do sofrimento experimentado por esta categoria profissional.

No contexto social, a pesquisa colaborou para a ampliação dos estudos sobre os trabalhadores da construção civil e suas vivências de prazer e sofrimento, diante da exigência por produtividade e das condições do ambiente organizacional desfavorável. Espera-se que este estudo contribua para a implantação de medidas que tenham por objetivo promover a valorização e o reconhecimento do trabalhador da construção civil, porque acredita-se no significado que os seres humanos atribuem as suas experiências pessoais, sendo que é a partir delas que se compreende as manifestações físicas e psíquicas da coletividade.

Este estudo apresenta como limitação, o fato de ter abordado apenas 15 trabalhadores, os quais fazem parte de um contingente enorme de outros trabalhadores da construção civil e, também, com outras funções. Mas ele permitiu dar voz ao trabalhador em um contexto de reflexão, pois os sujeitos da pesquisa estavam fora do contexto do trabalho em um processo de qualificação na área profissional.

Buscando uma melhor compreensão dos processos subjetivos dos trabalhadores que possibilitem a diminuição das vivências de sofrimento, com o objetivo de melhorar as condições de vida desses profissionais no ambiente laboral e consequente valorização profissional, pode-se propor um estudo que investigue na visão dos engenheiros a dicotomia prazer e sofrimento presente no setor da construção civil. Também, como objeto de estudo futuro, sugere-se uma investigação acerca da correlação entre a qualificação profissional e a motivação do trabalhador no ambiente laboral.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999. 203 p.
- ANDRADE, S. M. M. **Metodologia para avaliação de impacto ambiental sonoro da construção civil no meio urbano**. 2004. 268 f. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004. Disponível em: <<http://www.coc.ufrj.br/index.php/teses-de-doutorado/148-2004/985-stella-maris-melazzi-andrade#download>>. Acesso em: 10 dez. 2012
- ANDREIS, T. F. O trabalhador e a sua transição: do industrialismo à economia informacional. In: Seminário (Re)Pensando o Trabalho no Contexto Produtivo Atual, 2., 2007. Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: UPF. Disponível em: <www.upf.br/semgiest/donsload/artigos/area3/23.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. O que é filosofia? In: ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993. Cap. 5, p. 42-53.
- ARAÚJO, A. M. C.; OLIVEIRA, E. M. Reestruturação produtiva e a saúde no setor metalúrgico: a percepção das trabalhadoras. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 169-198, jan./abr. 2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 1367** – Áreas de vivência em canteiros de obras. Rio de Janeiro, 1991.
- BABBIE, E. **The practice of social research**. 5. ed. Belmont: Wadsworth, 1989. 112 p.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004. 221 p.
- BARROS, A. N.; ANDRADE, C. R.; GUIMARÃES, L. V. M. O lugar do trabalho na psique dos indivíduos: luto, melancolia e auto-aniquilamento do ego. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 23., 2008. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD.
- BARROS, P. C. R.; MENDES, A. M. B. Sofrimento psíquico e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. **Revista Psico-USF**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 63-70, 2003.
- BAUER, M. W. Classical Content Analysis: a review. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs). **Qualitative researching whith test, image and sound: a practical handbook** London: Sage, 2000. p. 131-151.
- BENITE, A. G. **Sistema de gestão da segurança e saúde no trabalho para empresas construtoras**. 2004. 221 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de

Construção Civil e Urbana) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BERGAMINI, C. W; CODA, R. (Orgs.). **Psicodinâmica da vida organizacional: motivação e liderança**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997. 342 p.

BORGES, L. O. A estrutura fatorial dos atributos valorativos e descritivos do trabalho: um estudo empírico de aperfeiçoamento e validação de um questionário. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 107-139, jan./jun. 1999.

BORGES, L. O. A representação social do trabalho: um estudo empírico com trabalhadores de construção civil, indústrias de confecções e costura e comércio. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 1, n. 1, p. 7-25, 1996.

BORGES, L. O.; TAMAYO, A. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-44, jul./dez. 2001.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior no Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, Campinas. v. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (2010). Índice mensal do emprego formal segundo os setores de atividade econômica. Brasil: ERA (Ministério do Trabalho e Emprego).

CARNEIRO, P. B. Sustentabilidade no canteiro de obras. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 6., 2010, Niteroi. **Anais...** Rio de Janeiro: CNEG. 2010.

CASTRO-SILVA, L. M. **Casos de afastamento por LER/DORT e retorno ao trabalho bancário**: uma análise psicodinâmica, 2006. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CHANLAT, J. F. (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996. 205 p.

CODO, W. (Orgs.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999. 432 p.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**. São Paulo: Bookman, 2005. 349 p.

CRUZ, R. M.; LEMOS, J. C. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. **Motrivência**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 59-80, jun. 2005.

CUPERTINO, V. **Prazer e sofrimento na prática docente no ensino Superior**: estudo de caso em uma IFES mineira. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2012.

D'ARCI, V. Trabalho e saúde na indústria têxtil de amianto. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 13-22, abr./jun. 2003.

DEMASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Trad. Yadyr A. Figueiredo. 8. ed. Brasília: José Olympio Editora, 2003.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 1988. 168 p.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C. Addendum da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). DEJOURS, C. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1993, p. 47-104

DEJOURS, C. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F. (Coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. p.149-173.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. In: DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2. ed. 1999. 160 p.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

DEJOURS, C. **O fator humano**. Trad. Maria Irene S. Betiol e Maria José Tonelli. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 158 p.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n.3, p. 27- 34, set./dez. 2004.

DEJOURS, C.; ABOUCHELI, E. Desejo ou motivação? A interrogação psicanalítica do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994. p. 33-43.

DEJOURS, C.; ABOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994. p. 119-145

DEJOURS, C.; JAYET, C. Psicopatologia do trabalho e organização real do trabalho em uma indústria de processo. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas, 1994. p. 67-118.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research.** London: Sage Publication, 1994.

DOURADO, D. C. P.; CARVALHO, C. A. Controle do homem no trabalho ou qualidade de vida no trabalho? **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, dez. 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/viewFile/4997/3731>>. Acesso em: 10 out. 2012.

DUL, J; WEERDMEESTER, B. **Ergonomia Prática.** 3. ed. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2001. 137 p.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru: EDUSC, 1999. 175 p.

FACAS, E. P. **Estratégias de mediação do sofrimento no trabalho automatizado: estudo exploratório com pilotos de trem de metrô do Distrito Federal.** 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FARIA, J. H. **Economia política do poder.** 6. ed. reimpr. Curitiba: Juruá. 2010. 80 p.

FARIA, J. H.; MENEGUETTI, F. K. O sequestro da subjetividade. In: FARIA, J. H. et al. **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais.** São Paulo: Atlas, 2007. P. 45-67.

FELDMAN, C. **Encontro: uma abordagem humanista.** Belo Horizonte: Editora Crescer, 2004.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. (no prelo). **Trabalho dos AFPS e índices de adoecimento: estado de alerta.** Brasília: Fenafisp.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. **Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores fiscais da previdência social brasileira.** Brasília: LPA /FENAFISP, 2003.

FIDALGO, F.; OLIVEIRA, M. A. M.; FIDALGO, N. L. R. (Orgs.). **A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade.** Campinas: Papirus, 2009. 240 p.

FLICK, U. (Coord.) **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre. Bookman, 2009. 162 p.

FRANCO, E. M. **Gestão do Conhecimento na Construção Civil: uma aplicação dos mapas cognitivos na concepção ergonômica da tarefa de gerenciamento dos canteiros de obras.** Florianópolis, 2001. 250 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2001.

FREITAS, L. G. **Saúde e processo de adoecimento no trabalho dos professores em ambiente virtual**. 2006. 235 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GAGLIARDI, M. **Adaptação estratégica organizacional na indústria da construção civil**: um estudo de caso no Distrito Federal. 2002. 147f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

GARCIA, F. C. **A Dinâmica Prazer-Sufrimento no Trabalho do Corpo Docente dos Cursos de Licenciatura Noturnos das Universidades Públicas Mineiras**: um estudo de caso na UFMG, UFSJ, UNIMONTES e UEMG. Belo Horizonte. Belo Horizonte: Faculdade Novos Horizontes/FAPEMIG, 2010.

GIL, A. C. M. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. (Orgs.). São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

GOMES, R. S. **Cenário da construção civil nos dias atuais**. 2. ed. São Paulo: Sigma, 2007.

GUEDES, M. N. **Terror psicológico no trabalho**. 2 ed. São Paulo: LTr, 2004.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo. Loyola, 2006. 349 p.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1993. 349 p.

HERNANDES, J. C.; MACEDO, K. B. Prazer e Sofrimento no trabalho numa empresa familiar: o caso de um hotel. **Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 1, n.1, p. 7-19, jan./jun. 2008.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, F. M. A. **Indicadores de desempenho**: uma análise nas empresas de construção civil de município de João Pessoa – PB. 2007.105f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

HONÓRIO, L. C. **Cisão e privatização**: impactos sobre a qualidade de vida no trabalho de uma empresa de telefonia celular. 1998. 160 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Anual da Indústria da Construção 2008**. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/paic/2008/default.shtm>>. Acesso em: 07 jan. 2012.

IRIART, J. A. B. et al. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 165-174, jan./fev. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n1/20.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

LAMERA, D. L.; UCHOA, M. J. **Perfil do trabalhador na indústria da construção civil de Goiana**, 1991. Ministério do Trabalho. FUNDACENTRO, 2000.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 6, p. 79-90, 2003.

LEAL, C. M. S.; MEDEIROS, J. A. D. M.; VALENÇA, S. L. Formação de mão de obra de nível operacional na indústria da Construção Civil. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE AS CONDIÇÕES E MEIO AMBIENTE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO, 4., **Anais...** Goiás: FUNDACENTRO, 2000.

LEMOS, J. C. **Carga psíquica no trabalho e processos de saúde em professores universitários**. 2005. 128 f. Tese (Doutorado em Engenharia de produção e sistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LUZ, T. R. Reinterpretando valores do livre mercado: o caso Telemar-Minas. In: GARCIA, F. C.; HONÓRIO, L. C. (Coords.). **Administração, metodologia, organização, estratégia**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2007. p.123-138.

MACÊDO, K. B.; GUIMARÃES, D. C. Programas de Qualidade de Vida no Trabalho e vivências de prazer e sofrimento dos trabalhadores. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 27., **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2003.

MAIA, P. A. **Estimativa de exposições não contínuas a ruído**: Desenvolvimento de um método e validação na Construção Civil. 2001. 215 f. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.

MANCIBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 288 p.

MARCUSE, H. **Razão e revolução**: Hegel e o advento da teoria social. Trad. Marília Barroso. Rio de Janeiro: Saga, 1969. 410 p.

MARTINS, A. C. A.; OLIVEIRA, G. Trabalho: fonte de prazer e sofrimento e as práticas orientais. In: VILARTA, R. et al. (Orgs.). **Qualidade de vida e fadiga institucional**. Campinas: IPES Editorial, 2006. cap. 16, p. 229-242.

MARX, K. **O Capital**. London: ElecBook, 2001.

MELLO, L. C. B. B.; AMORIM, S. R. L.; BANDEIRA, R. A. M. Um sistema de indicadores para comparação entre organizações: o caso das pequenas e médias empresas de construção civil. **Gestão da Produção**, São Carlos, v. 15, n. 2, p. 261-274, maio/ago. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/gp/v15n2/a05v15n2.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2012

MELLO, L. C. B. B.; AMORIM, S. R. L. O subsetor de edificações da construção civil no Brasil: uma análise comparativa em relação à União Europeia e aos Estados Unidos. **Produção**, São Paulo, v. 19, n. 2. 2009 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132009000200013>. Acesso em: 10 jan. 2011.

MENDES, A. M. Pesquisa em Psicodinâmica: a clínica do trabalho. In: MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 65-87.

MENDES, A. M.; LINHARES, N. J. A prática do enfermeiro com pacientes da UTI: uma abordagem psicodinâmica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 42, n. 2, p. 267-280. 1996.

MENDES, A. M.; ABRAHÃO, J. I. A influência da organização do trabalho nas vivências de prazer e sofrimento dos trabalhadores: uma abordagem psicodinâmica. **Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n.2, p. 179-184, 1996.

MENDES, A. M. B.; MORRONE, C. F. Vivências do prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: MENDES, A. M.; BORGES, L. O; FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 25-42

MENDES, A. M. B. **Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional**. Tese (Doutorado em Psicologia). 1999. 306 f. – Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

MENDES, A. M. B. **Prazer e sofrimento no trabalho qualificado: um estudo exploratório de uma empresa pública de telecomunicações**. 1994. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1994.

MENDES, A. M. B.; CRUZ, R. M. Trabalho e Saúde no contexto organizacional: vicissitudes teóricas. In: TAMAYO, A. (Org.). **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004, cap. 2, p. 39-55.

MENEZES, G. S.; SERRA, S. M. B. Análise das áreas de vivência em canteiros de obra. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GESTÃO E ECONOMIA DA CONSTRUÇÃO – SIBRAGEC, 3., **Anais...** São Carlos: UFSCar. 2003.

MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do trabalho**, São Paulo, v.12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MILES, M. B.; HUBERMAN, M. **Quantitative Data Analysis**. Beverly Hills: Sage Publications, 1984.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 269 p.

MORAES, R. D. Prazer e sofrimento no trabalho docente: estudo com professoras de ensino fundamental em processo de formação superior. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 5. n. 1, p. 159-183, jan./jun. 2005.

MORRONE, C. F. **Só para não ficar desempregado: ressignificando o sofrimento psíquico no trabalho: um estudo com trabalhadores em atividades informais**. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília. 2001

NAVARRO, V. L. O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 32-41, abr./jun. 2003.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

OLIVEIRA, D. A. et al. Transformações na organização do processo de trabalho docente e o sofrimento do professor. **Rede Estrado**, Rio de Janeiro. 2007.
Disponível em:
<<http://www.redeestrado.org/web/archivos/publicaciones/10.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.

OLIVEIRA, R. P.; IRIART, J. A. B. Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 437-445, jul./set. 2008.

PAGÉS, M. et al. **O poder das organizações**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993. 234 p.

PEREIRA, Clara. V. M.; VIEIRA, Adriane. O sofrimento humano nas organizações: estratégias de enfrentamento adotadas em uma empresa de logística. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 35. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

RIBEIRO, A. M. V.; LUZ, T. R. O sentido do trabalho para trabalhadores de organizações não governamentais. In: HELAL, D. H.; GARCIA, F. C.; HONÓRIO, L. C. (Coords.). **Relações de poder e trabalho no Brasil contemporâneo**. Curitiba: Juruá, 2010.

RINGEN, K; SEEGAL, J. L; WEEKS, J.L. **Construcción**. Disponível em: <<https://www.mtas.es/insht/EncOIT/tomo3.htm>>. Acesso em: 2 jan. 2012.

RODRIGUES, A. L.; GASPARINI, A. C. L. F. Perspectiva psicossocial em Psicossomática: via estresse e trabalho. In: MELLO FILHO, J. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, cap.10, p. 93-107.

SAMPAIO, J. J. C.; MESSIAS, E. L. M. A epidemiologia em saúde mental e trabalho. In: JAQUES, M. G.; CODÓ W. (Orgs.). **Saúde mental e saúde no trabalho: leituras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. cap. 7, p. 143-172.

SANTOS, A. R. **O desenvolvimento do mercado de edifícios de escritórios para locação na cidade de São Paulo impulsionado pela securitização**. 2006. 147f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, E. G.; NOVO, L. F.; TAVARES, L. F. Do prazer ao sofrimento docente: uma análise sob a perspectiva da Qualidade de Vida no Trabalho, em uma IFES. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SL, 10., **Anais...** Mar Del Plata: UFSC. 2010.

SANTOS, L. L. C. P. Formação de professores na cultura do desempenho. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89. p. 1149-1157, set./dez. 2004.

SANTOS, P. H. F. **“Deus lhe pague!”**: a condição servente na construção civil. Dissertação não publicada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010

SELYE, H. **Stress, a tensão da vida**. São Paulo: Ibrasa, 1959.

SERRA, S. M. B. **Canteiro de obras: projeto e suprimentos**. São Carlos: UFSCar, 2001, 41 p. Apostila para o curso de atualização de Racionalização de Processos e Produtos na Construção de Edifícios.

SILVA, A. R. P. Perfil dos operários da construção civil na cidade do Rio de Janeiro (avaliação do nível de satisfação dos operários). **Revista do Congresso Nacional de Excelência em Gestão**, v. 4, p. 34-46, ago. 2008.

SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto. 1998. 139 p.

SOTO, E. **Comportamento organizacional: o impacto das emoções**. São Paulo: Thomson, 2005. 312 p.

SOUSA, N. H. B. **Trabalhadores Pobres e Cidadania**: a experiência da exclusão e da rebeldia na construção civil. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

SOUSA, N. H. B. **Construtores de Brasília**: estudo de operários e sua participação política. Petrópolis: Vozes, 1983. 195 p.

SOUSA, N. H. B. Gestão do Trabalho na Indústria na Construção Civil: práticas tradicionais e perspectivas futuras. **SER Social**, Brasília, p. 159-188, 1999.

SOUZA, C. M. **A dinâmica prazer-sofrimento na ocupação dos catadores de material reciclável**: estudo com duas cooperativas no Distrito Federal. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília. 2007.

TAMAYO, A. (Org.). **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 256 p.

TAMAYO, M. R.; TRÓCCOLI, B. T. **Exaustão emocional**: relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de *coping* no trabalho. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 3746, 2002.

TEIXEIRA, L. P., CARVALHO, F. M. A. A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 109, p. 9-26, jul/dez. 2005.

THOMAS, J. R; JACK, K. N.; SILVERMAN, S. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TOLEDO, S. Carreira identidade: reflexos das exigências mercadológicas na vida pessoal e profissional dos jovens executivos de empresas multinacionais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – ENANPAD, 33., **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006.

TOMASI, A. P. N. **A construção social de qualificação dos trabalhadores da construção civil de Belo Horizonte: estudo sobre os Mestres de Obras**. Belo Horizonte: Fafich. 1999, 121 p. Relatório de Pesquisa.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VALERIANO, J. C. S.; GARCIA, F. C. Racionalidade substantiva: verificação empírica da teoria do brasileiro Guerreiro Ramos. In: GARCIA, F. C.; HONÓRIO, L. C. (Coords.). **Administração, metodologia, estratégia**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2007. p. 103-121.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005. 287 p.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 96 p.

YIN, R. K. Estudo de Caso: planejamento e método. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 212 p.

Apêndice

Roteiro de entrevista

- 1 Qual o nome
- 2 Qual a idade
- 3 A quanto tempo trabalha em obra
- 4 Qual a sua função em obra?
- 5 Por que você escolheu a construção civil como sua atividade de trabalho?
- 6 No início da sua profissão você já tinha algum conhecimento técnico do trabalho que você exerceria na obra?
- 7 Como foi o seu ingresso na Construção Civil?
- 8 Do que você gosta na construção civil?
- 9 Do que você não gosta na construção civil?
- 10 O que te dá prazer na obra?
- 11 O que te causa sofrimento na obra?
- 12 Como é seu relacionamento com seus colegas de profissão?
- 13 E o seu relacionamento com seus superiores hierárquicos?
- 14 Se há algum problema de relacionamento entre os colegas ou mesmo com a chefia imediata como o grupo reage?
- 15 Como você analisa os perigos da construção civil?
- 16 Você sente ou já sentiu medo no seu trabalho? comente
- 17 Você sente algum tipo de pressão no trabalho? comente
- 18 Você pode propor alguma mudança no seu trabalho? Favor explicar
- 19 Caso você não precisasse trabalhar, mesmo assim continuaria a trabalhar? e Por que?
- 20 Depois de pronta, você já passou em frente alguma obra que você trabalhou? Qual foi a sua reação?

- 21 Você gostaria de comentar sobre alguma pergunta da entrevista, ou acrescentar alguma coisa.